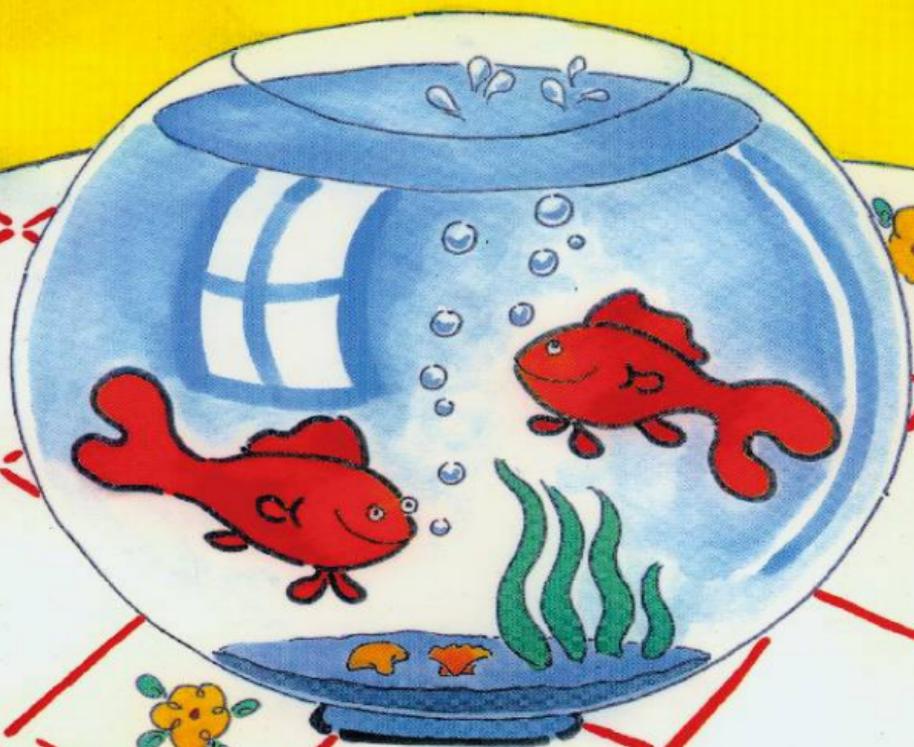


A Mulher Que Matou os Peixes

Clarice Lispector



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Clarice Lispector
A Mulher que
Matou os Peixes

Formatado por: Reliquia



Para Nicole e Cássio
Para João, Mark e Giancarlo
Para Karin, Leticia, Mônica, Zilda e Azalia
sobretudo para a
Campanha Nacional da Criança

Essa mulher que matou os peixes infelizmente sou eu. Mas juro a vocês que foi sem querer. Logo eu! Que não tenho coragem de matar uma coisa viva! Até deixo de matar uma barata ou outra.

Dou minha palavra de honra que sou pessoa de confiança e meu coração é doce: perto de mim nunca deixo criança ou bicho sofrer.

Pois logo eu matei dois peixinhos vermelhos que não fazem mal a ninguém e que não são ambiciosos: só querem mesmo é viver.

Pessoas também querem viver, mas infelizmente também aproveitar a vida para fazer alguma coisa de bom.

Não tenho coragem ainda de contar agora mesmo como aconteceu. Mas prometo que no fim deste livro contarei e vocês, que vão ler essa história triste, me perdoarão ou não.

Vocês hão de perguntar: por que só no fim do livro?

E eu respondo:

- É porque no começo e no meio vou contar algumas histórias de bichos que eu tive, só para vocês verem que eu só poderia ter matado os peixinhos sem querer. Estou com esperança de que, no fim do livro, vocês já me conheçam melhor e me dêem o perdão que eu peço a propósito da morte de dois “vermelhinhos” – em casa chamávamos os peixes de “vermelhinhos”.

Eu sempre gostei de bichos. Tive uma infância rodeada de gatos. Eu tinha uma gata que de vez em quando paria uma ninhada de gatos. E eu não deixava se desfazerem de nenhum dos gatinhos.

O resultado é que a casa ficou alegre para mim, mas infernal para as pessoas grandes. Afinal, não agüentando mais os meus gatos, deram escondido de mim a gata com sua última ninhada.

Eu fiquei tão infeliz que adoeci com muita febre.

Então me deram um gato de pano para eu brincar.

Eu não liguei para ele, pois estava habituada a gatos vivos.

A febre só passou muito tempo depois.

Bem, vamos mudar de assunto. Vou contar antes umas coisas muito importantes para vocês não ficarem tristes com meu crime. Se eu tivesse culpa, eu confessava a vocês, porque não minto para menino ou menina. Só minto às vezes para certo tipo de gente grande porque é o único jeito. Tem gente grande que é tão chata! Vocês não acham? Elas nem compreendem a alma de uma criança. Criança nunca é chata.

Por enquanto só posso dizer que os peixes morreram de fome porque esqueci de lhes dar comida. Depois eu conto, mas em segredo, só vocês e eu vamos saber.

Tenho esperanças de que até o fim do livro vocês possam me perdoar.

Antes de começar, quero que vocês saibam que meu nome é Clarice. E vocês, como se chamam?

Digam baixinho o nome de vocês e meu coração vai ouvir.

Peço que leiam esta história até o fim. Vou contar umas coisas: minha casa tem bichos naturais. Bichos naturais são aqueles que a gente não convidou nem comprou. Por exemplo, nunca convidei uma barata para lanchar comigo.

Minha casa tem muitos bichos naturais, menos rato, graças a Deus, porque tenho medo e nojo deles.

Quase todas as mães têm medo de rato. Os pais não: até gostam porque se divertem caçando e matando esse bicho que detesto. Vocês têm pena de rato?

Eu tenho porque não é um bicho bom para a gente amar e fazer carinho. Vocês fariam carinho num rato? Vai ver vocês nem têm medo e em muitas coisas são mais corajosos do que eu.

Tenho um amigo que, quando era menino, criou um rato branco. Fiquei com tanto nojo que só quero apertar a mão de meu amigo quando passar o susto. Seu rato era, na verdade, uma rata e se chamava Maria de Fátima.

Maria de Fátima morreu de um jeito horrívelzinho (eu digo horrívelzinho porque no fundo estou bem contente): um gato comeu ela com a rapidez com que comemos um sanduíche.

Como eu is dizendo, os bichos naturais de minha casa não foram convidados. Apareceram assim, sem mais nem menos.

Por exemplo: tenho baratas. E são baratas muito feias e muito velhas que não fazem bem a ninguém. Pelo contrário, elas até roem a minha roupa que está no armário.

Vocês sabem que eu tive uma guerra danada contra as baratas e quem ganhou nessa guerra fui eu?

Eu fiz o seguinte: paguei um dinheiro para um homem que só faz isso na vida: matar baratas.

Esse homem faz uma coisa que se chama dedetização. Ele espalha esse remédio pela casa toda. Esse remédio tem um cheiro muito forte que não faz mal para a gente mas deixa as baratas muito tontas até que morrem.

Mas parece que uma barata, antes de morrer, conta baixo às outras baratas que minha casa é perigosa para a raça delas, e assim a notícia se espalha pelo mundo das baratas e elas não voltam para minha casa. Só seis meses depois elas ganham coragem de voltar, mas eu chamo de novo o homem dos remédios e elas fogem de novo.

Barata é outro bicho que me causa pena. Ninguém gosta dela, e todos querem mata-la. Às vezes o pai da criança corre pela casa toda com um chinelo na mão, até pegar uma e bate com o chinelo em cima até ela morrer. Tenho pena das baratas porque ninguém tem vontade de ser bom com elas. Elas só são amadas por outras baratas. Não tenho culpa: quem mandou elas virem? Vieram sem serem convidadas. Eu só convido os bichos que eu gosto. E, é claro, convido gente grande e gente pequena.

Sabem de uma coisa? Resolvi agora mesmo convidar meninos e meninas para me visitarem em casa. Vou ficar tão feliz que darei a cada criança uma fatia de

bolo, uma bebida bem gostosa, e um beijo na testa.

Outro bicho natural da minha casa é... adivinhem!

Adivinharam? Se não adivinharam não faz mal, eu digo a vocês. O outro bicho natural de minha casa é a lagartixa pequena. São engraçadas e não fazem mal nenhum. Pelo contrário: elas adoram comer moscas e mosquitos, e assim limpam minha casa toda.

Eu não mato lagartixa mas tem gente que corta elas com o chinelo. Aí é engraçado: cada pedaço solto da lagartixa começa a se mexer sozinho. Por exemplo, uma perna cortada e solta da lagartixa fica se mexendo no chão e tremendo o tempo todo. É um mistério mexerem-se os pedaços antes de morrer.

O que eu não entendo também é o paladar horrível que a lagartixa tem por moscas e mosquitos. Mas é claro: como não sou lagartixa, não gosto de coisas que ela gosta, nem ela gosta do que eu gosto.

Uma vez prendemos um mosquito e olhamos ele bem de perto com uma lente forte. E vocês não imaginam como é a cara de um mosquito. É muito esquisita. Não tenho medo de mosquito nem de mosca, mas tanto um como o outro me incomodam muito. A lagartixa, que é minha grande amiga, me ajuda com muita alegria porque mosquito para ela é sobremesa. Nós, gente, gostamos de sobremesa com coco, por exemplo, mas a lagartixa até parece ter nojo desse doce.

A lagartixa não fala, não canta, não dança, não gosta da gente porque tem medo das pessoas. A lagartixa seria um perigo para nós se ela fosse igual em tamanho ao jacaré.

Agora vou falar sobre bichos convidados, igual ao meu convite para vocês. Às vezes não basta convidar: Tem-se que comprar.

Por exemplo, convidei dois coelhos para morar com a gente e paguei um dinheiro ao dono deles. Coelho tem uma história muito secreta, quero dizer, com muitos segredos.

Eu até já contei a história de coelho num livro para gente pequena e para gente grande. Meu livro sobre coelhos se chama assim: “O mistério do coelho pensante”. Gosto muito de escrever história para crianças e gente grande. Fico muito contente quando os grandes e os pequenos gostam do que escrevi.

Se vocês gostam de escrever ou desenhar ou dançar ou cantar, façam porque é ótimo: enquanto a gente brinca assim, não se sente mais sozinha, e fica de coração quente.

Voltando aos coelhos, tem gente que come coelho. Eu não tenho coragem porque é como se eu comesse um amigo. Os dois coelhos que tivemos em casa eram meus amigos.

Também tivemos aqui em casa dois patos comprados que andavam o dia inteiro atrás da gente com aquele modo engraçado de andar dos patos.

Outro bicho que pensa que a gente é mãe deles é qualquer pinto. Nesse ponto o pinto é igual a gente: fica com saudade do calor da galinha-mãe. O que a gente pode fazer de bom para um pinto que fica piando e chorando de saudade é segura-lo na mão e esquentar o corpo dele. Quando a gente pega neles a gente sente o seu minúsculo coração batendo dentro do pequeno corpo fofo e morno deles. Embaixo das penas macias sentem-se os ossos bem finos das costelas deles. Pinto é sempre magrinho. E, longe da galinha, morre à toa. Já comprei muitos pintos e a maioria morreu. Só continuavam a viver os pintos que tinham alma mais forte.

Quanto a cachorros, eu já tive dois. O primeiro foi assim: eu estava morando numa terra que se chama Itália. Um dia, andando pelas ruas da cidade, vi um cachorro vira-lata.

Os vira-latas são tão inteligente que aquele que eu vi sentiu logo que eu era boa para os animais e ficou no mesmo minuto alvoroçado abanando o rabo.

Quanto a mim, foi só olhar que logo me apaixonei pela cara dele. Apesar de ser italiano, tinha cara de brasileiro e cara de quem se chama Dilermando. Paguei um dinheiro para a dona dele e levei Dilermando para casa. Logo dei comida a ele. Ele parecia tão feliz por eu ser dona dele que passou o dia inteiro olhando para mim e abanando o rabo. Vai ver que a outra dona dele batia nele, de modo que Dilermando estava feliz em mudar de dona.

Dilermando era quase tão inteligente como uma criança de dois anos. Vivia atrás de mim para não se sentir sozinho. E comia tanto de tudo que logo engordou.

Passava o dia cheirando as coisas: cachorro cheira as coisas para compreendê-las; eles não raciocinam muito, são guiados pelo amor do coração dos outros e deles mesmos.

Dilermando gostava tanto de mim que quase endoidecia quando sentia pelo faro o meu cheiro de mulher-mãe e o cheiro do perfume que uso sempre. Esse perfume se chama em francês “Vert et Blanc”, isto é, “Verde e Branco”, e foi inventado por um homem que se chama Carven. Como vocês vêem, existe de tudo neste mundo: mulheres que batem em cachorros, outras que nunca batem, homem que ganha dinheiro para matar baratas, homem que faz umas misturas e inventa perfume. Isto eu estou dizendo para que vocês se lembrem quando crescerem que há muito o que fazer na vida.

Bem, mas e o cheiro de Dilermando. Ele detestava tomar banho, pensava que era a gente era ruim quando obrigava ele a esse sacrifício. Como dava muito trabalho dar banho todos os dias e como ele fugia da banheira todo ensaboado, terminei dando banho só duas vezes por semana. O resultado, é claro, é que ele tinha um cheiro muito forte de cachorro e eu logo sentia com o meu faro, porque gente também tem faro. Vocês têm faro? Aposto que sim, porque além de sermos gente, somos também animais. O homem é o animal mais importante do mundo, porque, além de sentir, o homem pensa resolve e fala. Os bichos falam sem palavras.

Sabem como tive que me separar de Dilermando? É que eu tinha de ir embora da Itália e ir para um país chamado Suíça. E nesse país os hotéis não deixam entrar cachorros. Então escolhi uma moça muito boa para cuidar dele. Na hora de me despedir dele, fiquei tão triste que chorei. E Dilermando também chorou.

Muitos anos depois eu estava morando em outro país que se chama Estados Unidos da América. E comprei um cachorro americano com o nome de Jack. Não lembro de que raça ele era porque não faço diferenças, eu gosto de todas as raças humanas e de animais.

Jack era daqueles cachorrões que latem o tempo todo e vigiam a casa para não deixar entrar ladrão.

Jack só fazia algumas coisas na vida disciplinada dele: latia, comia, namorava muito, vigiava a casa, dormia, brincava com a gente.

Ele tinha uma vida muito animada porque ele gostava de tudo o que fazia. Igual a mim, porque faço várias coisas na vida e gosto do que faço. Muitas coisas eu faço sem gostar, só por dever. Jack era menos inteligente que Dilermando, mas era um cachorro muito corajoso. Ele não tinha medo de nada.

Sabem o que aconteceu? Foi o seguinte: de noite Jack ficava no nosso jardim de frente de casa e ele era tão metido a importante que passou a vigiar a rua inteira, sem ninguém pedir. Quando uma pessoa passava lá longe na rua, ele latia tanto que acordava toda a vizinhança.

Até que uma madrugada um vizinho veio de pijama para nossa casa e disse que estava cansado de não dormir e que, se Jack ficasse conosco, ele ia dar um tiro nele.

O vizinho estava muito zangado, e eu vi que ele mataria mesmo. Para salvar a vida de Jack, demos ele a uma família muito boa que morava num sítio e onde Jack podia latir à vontade.

Só tive na vida esses dois cachorros felizes. Agora vou contar uma história de

macacos um pouco alegre e um pouco triste.

Imaginem vocês que tinha saído para fazer compras e quando voltei e entrei em casa senti que havia alguma coisa esquisita acontecendo. Todas as pessoas estavam no terraço dos fundos e fui olhar o que era que tinha ali.

Vocês não acreditam que eu não esperava jamais o que encontrei: um macaco. Na verdade era um mico tão grande e forte como se fosse um filhote de gorila. Ele estava muito agitado e nervoso porque ainda não conhecia bem a casa. De pura agitação subia de repente pelas roupas estendidas na corda, sujando todas as roupas lavadas. De lá de cima dava gritos que nem marinheiro dando ordens num navio. E jogava cascas de banana mesmo que caíssem em cima de nós.

Bom, esse mico enorme passou a morar conosco. Sempre que eu ia para a área de serviço ele ficava alegre que pulava de um canto para outro, sujando tudo.

Vocês sabem muito bem que macaco é bicho que mais se parece com as pessoas. Esse macaco até parecia ter vida humana. Parecia com um homem maluco. Como ele fazia uma bagunça horrível na casa, resolvi dá-lo às crianças do morro que adoram micos. Em casa todo mundo ficou triste e zangado comigo.

Passou-se mais um ano. Uma tarde eu estava andando pelas ruas para comprar presentes de Natal. As ruas estavam muito cheias de pessoas comprando presentes. No meio daquela gente toda, vi um agrupamento, fui olhar: era um homem vendendo vários micos, todos vestidos de gente e muito engraçados. Pensei que todas de casa iam ficar adorando o presente de Natal, se fosse um miquinho. Escolhi uma miquinha suave e linda, que era muito pequena. Estava vestida com saia vermelha, e usava brincos e colares baianos. Era muito delicada conosco, e dormia o tempo todo.

Foi batizada com o nome de Lisete. Lisete às vezes parecia sorrir pedindo desculpas por dormir tanto. Comer, quase não comia, e ficava parada num cantinho só dela.

No quinto dia comecei a desconfiar que Lisete não estava bem de saúde. Pois não era normal o jeito quieto e calado dela.

No sexto dia quase dei um grito quando adivinhei: “Lisete está morrendo! Vamos leva-la a um veterinário!” Veterinário é o médico que só cuida de bichos.

Ficamos muito assustados porque já amávamos Lisete e sua carinha de mulher. Ah, meu Deus, como nós gostávamos de Lisete! Enrolei Lisete num guardanapo e fomos de táxi correndo para um hospital de bichos. Lá deram-lhe imediatamente uma injeção para ela não morrer logo. A injeção foi tão boa que até parecia que ela estava curada para sempre, porque de repente ficou tão alegre que pulava de um canto para outro, dava guinchos de felicidade, fazia caretinhas de macaco mesmo, estava doida para agradar a gente. Descobrimos, então, que ela nos amava muito e que não demonstrara antes porque estava tão doente que não tinha força.

Mas, quando passou o efeito da injeção, ela, de repente, parou de novo e ficou toda quieta e triste na minha mão. O médico então disse uma coisa horrível: que Lisete ia morrer.

Aí compreendemos que Lisete já estava muito doente quando eu a comprei. O médico disse que não se comprem macacos na rua porque às vezes estão muito doentes. Nós perguntamos muito nervosos:

- E agora? Que é que o senhor vai fazer?

Ele respondeu assim:

- Vou tentar salvar a vida de Lisete, mas ela tem que passar a noite no hospital.

Voltamos para casa com o guardanapo vazio e o coração vazio também. Antes de dormir, eu pedi a Deus para salvar Lisete.

No dia seguinte o veterinário telefonou avisando que Lisete tinha morrido durante a noite. Compreendi então que Deus queria leva-la. Fiquei com os olhos cheios de lágrimas e não tinha coragem de dar esta notícia ao pessoal de casa. Afinal avisei, e todos ficaram muito, muito tristes.

De pura saudade, um de meus filhos perguntou:

- “Você acha que ela morreu de brincos e colar?”

Eu disse que tinha certeza que sim, e que, mesmo morta, ela continuaria linda.

Também de pura saudade, o outro filho olhou para mim e disse com muito carinho:

- “Você sabe, mamãe, que você se parece muito com Lisete?”

Se vocês pensam que eu me ofendi porque pareci com Lisete, estão enganados. Primeiro, porque a gente se parece mesmo com um macaquinho; segundo, porque Lisete era cheia de graça e muito bonita.

- Obrigada meu filho – foi isso que eu disse a ele e dei-lhe um beijo no rosto.

-

Um dia desses vou comprar um miquinho com saúde. Mas esquecer Lisete? Nunca.

Bem, agora descansem um pouco porque vou contar uma história tão horrível que até parece filme de mocinho e bandido. É uma história de amor e ódio misturados num só coração.

Já descansaram? Bem, então prestem bastante atenção porque essa história de cachorro é terrível mesmo. Não pensem que estou inventando as minhas histórias. Dou minha palavra de honra que minhas histórias não são de mentira: aconteceram mesmo.

Bem, preparem-se que eu vou começar.

Um amigo meu, chamado Roberto, tinha um cachorro que se chamava: Bruno Barberini de Monteverdi. É um nome comprido para um cão, mas era assim que ele se chamava. Quando a gente queria falar com ele só chamava Bruno, porque senão seu nome ficava enorme.

Bruno tinha um amigo, cachorro também, que vigiava a casa de um vizinho. Esse amigo-cachorro de Bruno chamava-se Max.

Eles eram tão amigos que um chamava o outro, convidando para almoçar e botavam os dois focinhos no mesmo prato de comida. É claro que Bruno nem Max falavam, só latiam. E os convites para um almoçar na casa do outro eram transmitidos assim: latindo um pouquinho, abanando o rabo, ficando parado um diante do outro, e de repente andando. Então o cachorro entendia que era para seguir o outro e almoçarem juntos.

Esqueci de dizer que Bruno Barberini Monteverdi tinha paixão pelo dono, Roberto. E era muito fiel. Bruno não deixava ninguém se aproximar demais do dono pensando que iam ataca-lo. Todas as noites esperava acordado que o dono voltasse e só ia dormir quando esse chegava. Isso eu estou contando para vocês entenderem a tragédia que aconteceu.

Um dia, Max estava almoçando na casa de Bruno, quando o dono entrou na cozinha. Não se sabe por que Max resolveu fazer festinhas no dono de Bruno. E para fazer a festinha aproximou-se do dono e se encostou na sua perna.

Bruno ficou espantado por um segundo: pensou que Max ia atacar Roberto e correu em defesa do dono.

Para defender o dono, atirou-se em cima de Max, que não tinha culpa nenhuma. Mas Max, vendo-se ferozmente atacado reagiu. E o resultado foi uma luta sangrenta.

Max tinha mais força que Bruno. Bruno estava sendo estraçalhado. Finalmente, Roberto conseguiu separar os dois.

Bruno estava gravemente ferido e já quase morrendo. Seu coração quase não batia mais. Roberto levou Bruno depressa para o hospital de bicho. Lá deram uma injeção para reanimar o seu coração, que estava quase parando. Cuidaram dos ferimentos do corpo e da cabeça, e Bruno ficou muitos dias no hospital. Até que ficou bom e pôde voltar para casa.

Agora pergunto a vocês: que é que Bruno fez?

Bruno era tão corajoso que, curado dos ferimentos, foi atacar Max. Este deu-lhe então a maior surra que se posso imaginar. E dessa vez os ferimentos foram tão graves que até as orelhas de Bruno ficaram inteiramente rasgadas. Roberto levou-o de novo para o hospital, onde dessa vez, Bruno ficou dois meses. Quando ficou curado, voltou para casa.

E agora me respondam: que é que vocês acham que Bruno fez?

Acertaram. Bruno foi vingar-se e atacar Max.

Mas dessa vez ele estava com tanta, mas tanta raiva que sua força aumentou e ficou diabólica.

E ele, enfim, matou Max.

É, mas no mundo dos cachorros é diferente. Não há polícia para eles irem se queixar. Então os cachorros mesmos resolvem entre si as brigas, fazem o papel de juiz e de polícia, e muitas vezes agem como bandidos armados. Os cachorros não se perdoam.

O que aconteceu foi que os cachorros da vizinhança ficaram contra Bruno e não perdoaram a morte horrível de Max.

Então, para vingarem-se, começaram a cercar Bruno. Bruno já tinha até medo de sair para a rua. Quando saía, ficava muito desconfiado, olhando de um lado

para outro.

Afinal, vendo que não acontecia nada de ruim, começou tranquilamente a sair de novo. E foi esse o grande erro de Bruno.

Uma tarde ele estava passando todo sozinho e até lamentando a morte de Max que era o seu único amigo. Estava com muita saudade. Amigo bom não se encontra todos os dias. Os cachorros têm uma alma bem grande, eles até entendem a gente. O mundo dos cães é cheio de amor para dar, e eles dão de graça. Bruno estava triste demais sentindo falta daquele que matara por amor a Roberto.

Nessa tarde tão triste, quando não havia prazer em ao menos cheirar as coisas, apareceu de repente na esquina um cachorro.

E de repente na outra esquina mais um cachorro. E depois, saíram das casas da vizinhança três cachorros.

Bruno percebeu logo que estava cercado por vários cachorros enormes e fortes. Bruno sabia que a lei dos cachorros é a vingança. Ele quis fugir mas não podia quebrar o cerco. Os cachorros formavam uma espécie de círculo em torno de Bruno.

E o círculo ia ficando cada vez mais apertado. Até que os cachorros conseguiram encurralar Bruno junto de uma árvore.

Os cachorros então de repente atacaram de uma só vez Bruno, fazendo eles mesmos justiça, porque, como eu disse, no mundo dos cães eles próprios se encarregam de ser juiz e polícia. Eram cinco cachorrões contra Bruno. Bruno ainda tentou se defender mas não tinha força contra eles.

E aconteceu o que era de se esperar: o pior. Os cinco cachorros castigaram Bruno até ele morrer.

E assim é que Bruno Barberini de Monteverdi morreu para todo o sempre.

Vocês ficaram com saudade do Bruno? Eu também. A história da vida e da

morte de Bruno Barberini de Monteverdi é uma história de grande amor:

Bruno amava tanto Roberto que não permitia nenhum outro cachorro fazer carinho no dono ou ataca-lo.

Também era grande o amor fraterno que ligava Bruno e Max. Mas o primeiro amor era para Roberto.

Vocês ficaram tristes com a história? Vou fazer um pedido para vocês: todas as vezes que vocês sentirem solitários, isto é, sozinhos, procurem uma pessoa para conversar. Escolham uma pessoa grande que seja muito boa para crianças e que entenda que às vezes um menino ou uma menina estão sofrendo. Às vezes de pura saudade, como os periquitos australianos. Conheço uma moça que toca piano muito bem nos teatros. Essa moça ganhou de presente no dia do seu aniversário um periquito australiano. Só ganhou a fêmea. O pior é que as pessoas que dão um periquito australiano têm que comprar dois: um macho e uma fêmea que, por causa da raça deles, são tão amorosos que passam o dia se beijando e não podem ser separados. A periquita até adoeceu de tanta saudade do macho dela.

Bom, depois de contar uma história um pouco triste sobre a saudade da periquita, quero ficar alegre e alegrar vocês com outra história.

Falarei sobre uma coisa muito boa: sobre uma ilha.

Vocês gostariam de ter uma ilha só para cada um de vocês e para os seus amigos? Eu gostaria muito e não tenho.

Mas uma amiga minha comprou uma ilha só para ela e os amigos descansarem. Vocês sabem bem como é uma ilha? É um pedaço de terra cercado de água por todos os lados.

Eu queria que vocês fossem fazer uma visita comigo à ilha de minha amiga. Vocês poderiam tomar banho de mar, caçar bichos, e de noite iam dormir numa rede. Vocês não iam ter medo porque eu ia dormir no mesmo quarto, protegendo cada menino e cada menina.

No mar dessa ilha tem de tudo: todas as espécies de peixes. Até cavalo-marinho tem. Ver um cavalo-marinho nadar é lindo: parece até com homens e mulheres dançando devagar.

Essa ilha é um pouco encantada.

Por quê? Pelo ar sempre novo, pelo capim chamado sapê que parece cantar ao vento, pela cidade das borboletas. Minha amiga e um grupo de amigos dela estavam explorando a ilha, e no meio de um bambual encontraram a cidade das borboletas. Nessa clareira elas vivem, voam alto, voam baixo, voam ao redor de nós. Pequenas, grandes, azuis, amarelas e de todas as cores. Parecia um bailado de borboletas naquele silêncio que só uma ilha tem.

O silêncio da ilha é um silêncio diferente: é atravessado pelos sons característicos dos habitantes animais e vegetais. Planta, se a gente pegar com jeito, as folhas delas parecem cantar. E falam com a gente. O quê? Depende de a gente estar triste ou alegre, com fome de beleza e de conversa.

Minha amiga comprou a ilha para lá morarem durante um tempo crianças um pouco tristes que ainda não tinham conversado com plantas e animais. Um cavalo-marinho recebeu minha amiga no banho de mar.

No fundo do mar lá é azul e de todas as outras cores também por causa dos ouriços coloridos e das estrelas-do-mar e pelas algas que se movem dando esse colorido ondulante.

Vocês pensam que estou inventando?

Mas, se eu jurar por Deus que tudo o que contei neste livro é verdade, vocês acreditam? Pois juro por Deus que tudo o que contei é a pura verdade e *aconteceu mesmo*. Eu tenho respeito por meninos e meninas e por isso não engano nenhum deles.

Bem, obrigada por terem acreditado em mim. Não gosto de passar por mentirosa.

Além dos cardumes de peixes pequenos e grandes, no mar da ilha também tem cardumes de botos ou delfins: parecem com uma baleia pequena.

Os bichos da terra são pássaros de todas as cores e tamanhos. Também tem na ilha muita cobra e muito lagarto. A casa da ilha fica de portas e janelas fechadas contra mosquitos, lagartos e cobras. Tem também manadas de antas.

A ilha é tão grande que a dona dela ainda não conheceu tudo. E tem uma parte selvagem que nunca foi explorada.

A parte encantada são os brinquedos no mar de noite: desde a pesca com luz de lanterna até o mergulho todo iluminado pela fosforescência das plantas do mar. Peçam à gente grande para explicar o que é fosforescência.

As frutas são jaca, caju, cajá, graviola, bananas. E dos coqueiros altíssimos caem cocos à beca, até em cima da gente se não se toma cuidado. Tem também goiabas das brancas e vermelhas, e pitangas escarlates.

A água para beber foi canalizada com os bambus enormes da ilha.

É uma ilha tão encantada que eu teria medo de ficar sozinha de noite na minha rede. Nessa ilha tem todas as espécies de árvores, plantas, frutas e flores.

Morar numa ilha para sempre é triste porque a gente não quer se separar da família e dos amigos. Mas não precisamos morar lá. Basta passar sábado e domingo.

Bem, vamos deixar a ilha em paz, e voltar para os bichos. Eu tenho uma amiga que tem um cachorro que late tanto e tão alto que já me deu vontade de latir de volta.

Eu fico muito ofendida quando um bicho tem medo de mim, pois sou corajosa e protejo os animais. Quem de vocês tiver medo, eu cuido e consolo. Porque sei o que é o medo que as crianças têm porque já fui criança. Até hoje ainda tenho

medo de certas coisas.

Outra amiga tinha uma cadela chamada Bolinha. Ela era muito normal, mais normal que muita gente humana e que muitos cachorros. Era uma mãe perfeita. Cuidava sozinha dos filhotes e lambia eles em lugar de dar banho. Quando minha amiga chegava perto, empurrava os filhotes com o focinho para apresentá-los. Bolinha ensinava os filhos a correr e a brincar.

Era muito sensível e um pouco nervosa. Percebia longe a chegada de pessoas. Quando as pessoas estavam zangadas, ou ela fazia alguma coisa errada, encostava-se contra a parede e ficava de lá olhando muito sem jeito.

De cavalo não tenho nenhuma história para contar, e é uma pena, porque cavalo é um animal de grande beleza.

Bem, agora chegou a hora de falar sobre o meu crime: matei dois peixinhos. Juro que não foi de propósito. Juro que não foi muito culpa minha. Se fosse, eu dizia.

Meu filho foi viajar por um mês e mandou-me tomar conta de dois peixinhos vermelhos dentro do aquário.

Mas era tempo demais para deixarem os peixes comigo. Não é que eu não seja de confiança. Mas é que sou muito ocupada, porque também escrevo histórias para gente grande.

E assim como a mãe ou a empregada esquecem uma panela no fogo, e quando vão ver já se queimou toda a comida – eu estava também ocupada escrevendo história. E simplesmente fiz uma coisa parecida com deixar a comida queimar no fogo: esqueci três dias de dar comida aos peixes! Logo aqueles que eram tão comilões, coitados.

Além de dar comida, eu devia sempre trocar a água do aquário, para eles nadarem em água limpa.

E a comida não era qualquer uma: era comprada em lojas especiais. A comida

parecia um pozinho horrível, mas devia ser gostoso para peixe porque eles comiam tudo.

Devem ter passado fome, igual gente. Mas nós falamos e reclamamos, o cachorro late, o gato mia, todos os animais falam por sons. Mas peixe é tão mudo como uma árvore e não tinha voz para reclamar e me chamar. E, quando fui ver, estavam parados, magros, vermelhinhos – e infelizmente já mortos de fome.

Vocês ficaram muito zangados comigo porque eu fiz isso? Então me dêem perdão. Eu também fiquei muito zangada com a minha distração. Mas era tarde demais para eu lamentar.

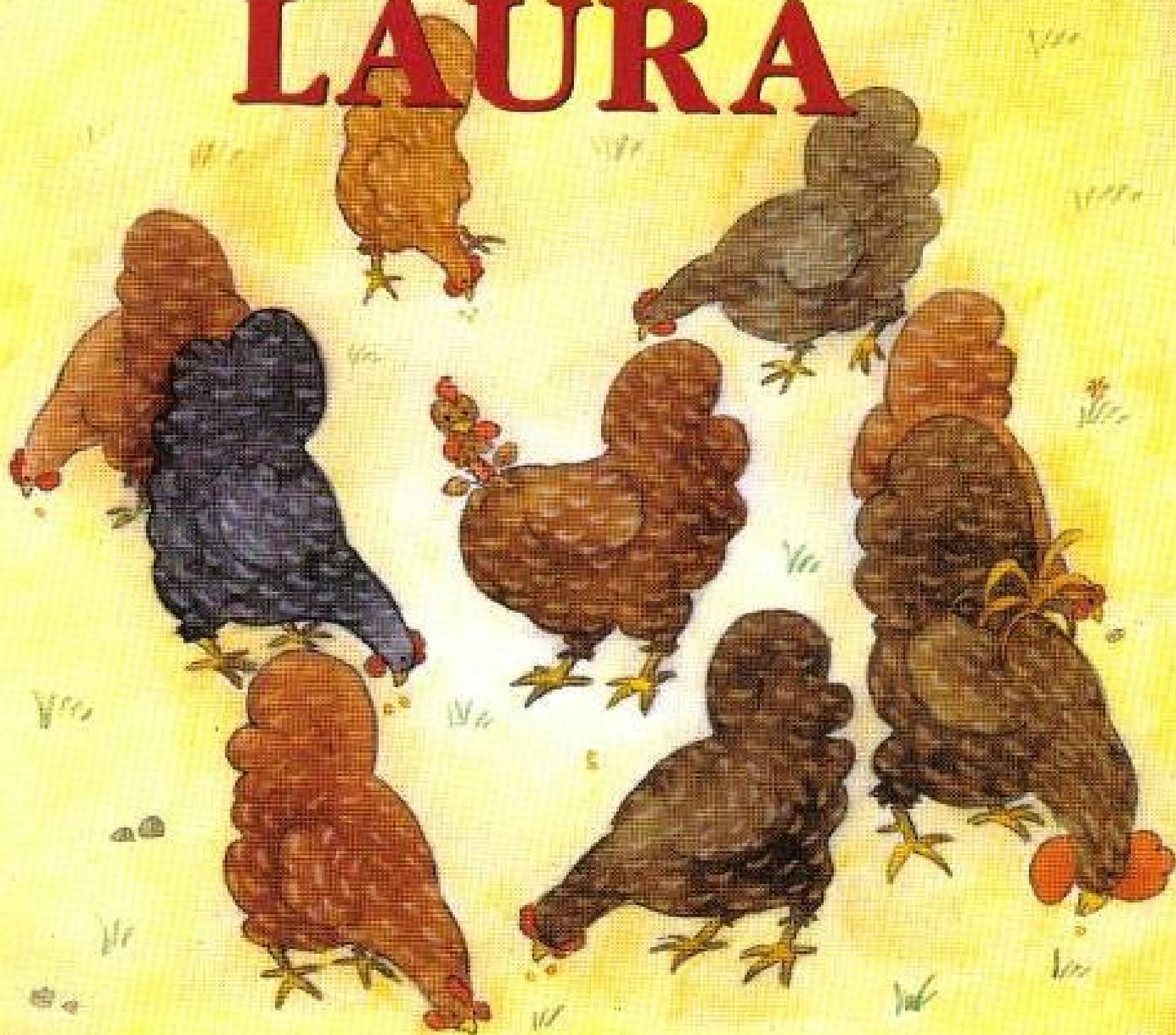
Eu peço muito que vocês me desculpem. Dagora em diante nunca mais ficarei distraída.

Vocês me perdoam?

A partir de histórias de bichos – um cachorro tem alma bem grande, um coelho tem histórias secretas... – até a revelação de seu “crime” de ter matado os peixes, Clarice Lispector transmite neste livro uma rica mensagem de compreensão, afeto e solidariedade para as crianças, que lêem com o coração.

Clarice Lispector

A VIDA ÍNTIMA DE LAURA



ROCCO
JOVENS LEITORES

Clarice Lispector

A VIDA ÍNTIMA

DE LAURA

Ilustração

Flor Opazo

A Nicole Algrante

a Andréa Azulay

a Alexandre Dines

a Fátima Froidi

a Fabiana Colasanti de Sant'Anna

Vou logo explicando o que quer dizer “Vida íntima”. É assim vida íntima quer dizer que a gente não deve contar a todo o que se passa na casa da gente. São coisas que não se dizem a qualquer pessoa.

Pois vou contar a vida íntima de Laura.

Agora adivinhe quem é Laura.

Dou-lhe um beijo na testa se você adivinhar. E duvido que você acerte! Dê três palpites.

Viu como é difícil?
Pois Laura é uma galinha.



É uma galinha muito da simples.

Peço a você o favor de gostar logo de Laura porque ela é a galinha mais simpática que já vi. Vivi no quintal de Dona Luísa com as outras aves. É casada com um galo chamado Luís. Luís gosta muito de Laura. embora às vezes brigue com ela. Mas briguinha à-toa.



Acho que vou ter que contar uma verdade. A verdade é que Laura tem o pescoço mais feio que já vi no mundo. Mas você não se importa, não é? Porque o que vale mesmo é ser bonito por dentro. Você tem

beleza por dentro? Aposto como tem. Como é que sei? É que estou adivinhando você.

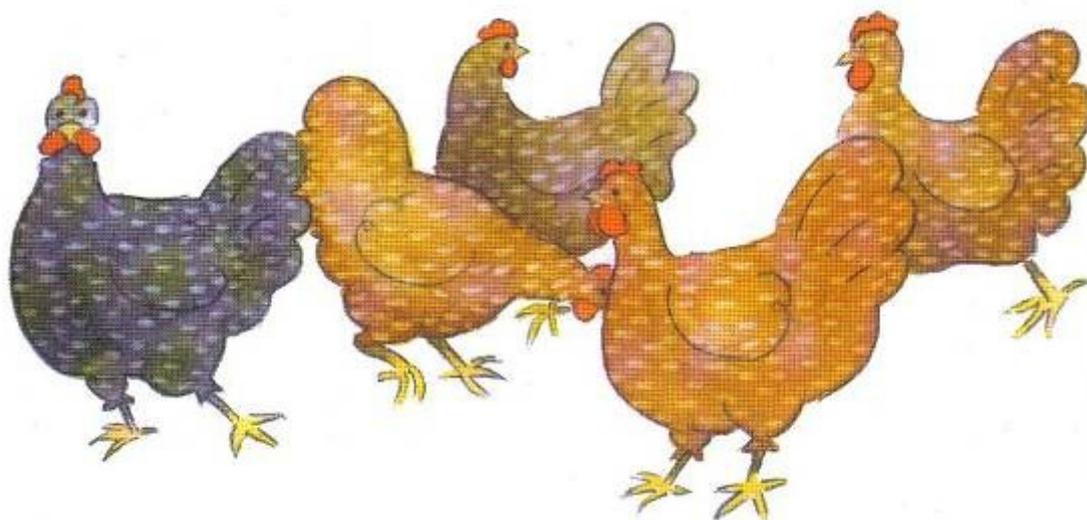
Outra verdade: Laura é bastante burra. Tem gente que acha ela burríssima, mas isto também é exagero: quem conhece bem Laura é que sabe que Laura tem seus pensamentozinhos e sentimentozinhos. Não muitos, mas que tem, tem Só porque sabe que não é completamente burra ela fica toda prosa e boba. Ela pensa que pensa. Mas em geral não pensa coisíssima alguma.



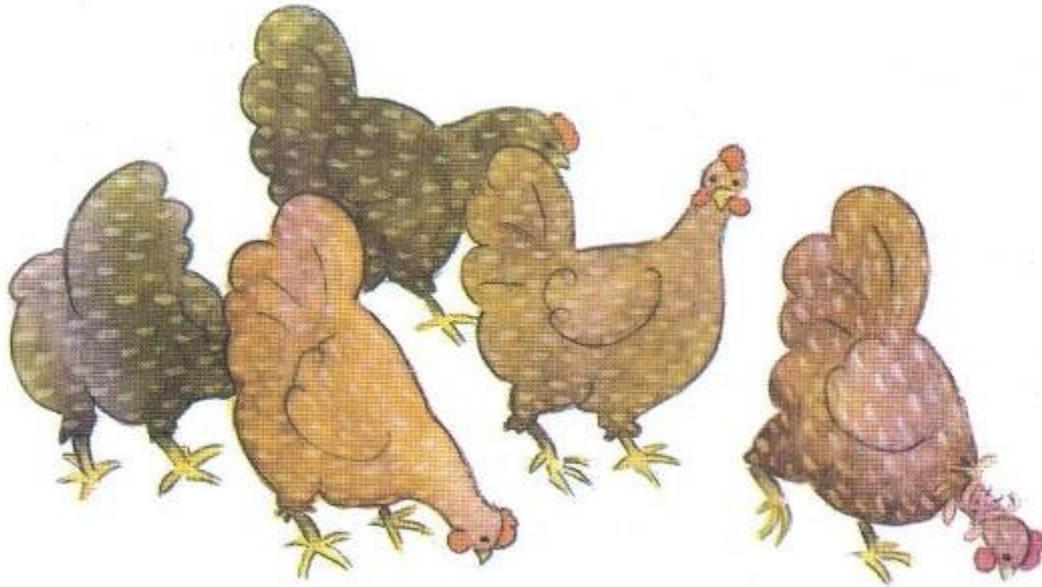
Luís passeia o dia inteiro no terreiro entre as galinhas, de peito inchado de vaidade. É porque ele pensa que, sabendo cantar de madrugada, manda na Lua e no Sol.

Laura quase não deixa gente nenhuma fazer carinho nela. Porque tem um medo danado de pessoas. Se alguém chega perto dela, sem ser para dar milho, ela foge com grande barulheira, cacarejando feito uma doida Ela cacareja assim: não me matem! não me matem!

Mas ninguém tem intenção de matá-la porque ela é a galinha que bota mais ovos em todo o galinheiro e mesmo nos das vizinhanças



Laura vive apressadinha. Por que tanta pressa, oh Laura? Pois ela não tem nada o que fazer. Esta pressa é uma das bobagens de Laura. Mas ela é modesta: basta-lhe cacarejar um bate-papo sem-fim com as outras galinhas. As outras são muito parecidas com ela: também meio ruiva e meio marrom. Só uma galinha é diferente delas: uma carijó toda de enfeites preto e branco. Mas elas não desprezam a carijó por ser de outra raça. Elas até parecem saber que para Deus não existem essas bobagens de raça melhor ou pior.



Eu sei que você nunca viu Laura. Mas se você já viu uma galinha meio marrom, meio ruiva, e de pescoço muito feio é como se você estivesse vendo Laura.

Vai sempre existir uma galinha como Laura e sempre vai haver uma criança como você. Não é ótimo? Assim a gente nunca se sente só.

Pena que Laura não goste de pessoa alguma. Ela quase nunca tem sentimentos, como eu disse. Na maioria das vezes tem o mesmo sentimento que deve ter uma caixa de sapatos.



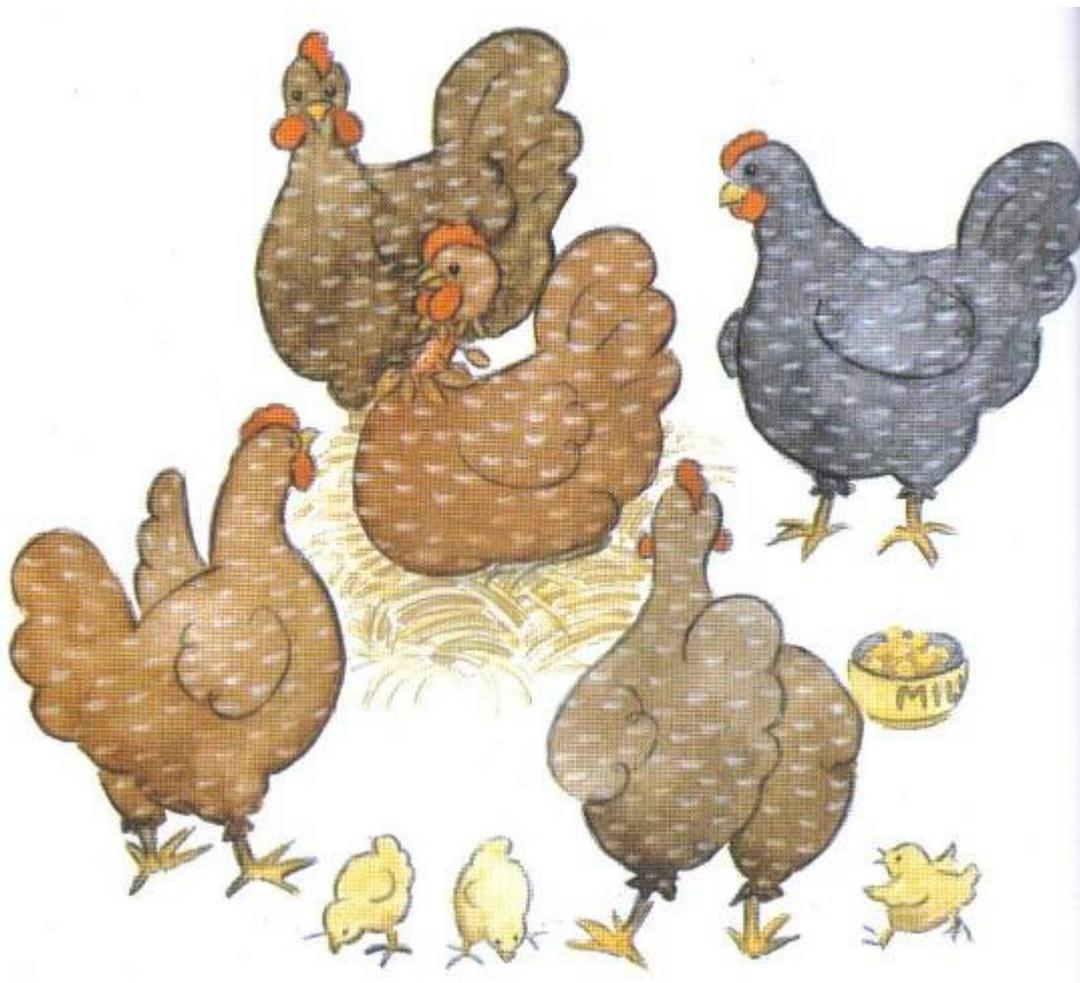
Por que será que Laura fica o dia inteiro bicando a terra e procurando comida? Não pode ser por tanta fome, pois a cozinheira Dona Luísa lhe dá muito milho. Vou contar um segredo de Laura: ela come por pura mania. Come cada porcaria! Mas não é tão burra assim. Por exemplo: não come pedaço de vidro. Sabida, hein?

Um dia ela sentiu que ia ser mãe de novo. Cacarejou depressa a

novidade para Luís. Luís parecia que ia estourar de tanta vaidade de ser de novo pai. Bem sei que todo ovo nasce. Mas aquele ia ser uma beleza. Era um ovo todo especial.

Até que uma noite Laura sentiu que o ovo estava pronto para nascer. Como é que ela sentiu? Desculpe, não sei, porque nunca fui galinha na minha vida. Ela estava até dormindo e acordou sentindo o ovo nascendo dela.

Viva o meu filho! Foi assim que Luís cantou. Embora fosse meia-noite, a notícia era como se o Sol brilhasse. No galinheiro brilhava aquele lindo ovo branco. Laura, toda satisfeita, esfregou suas penas com o bico para alisar-se, igual como a gente penteia os cabelos. Porque ela é muito vaidosa e gosta muito de estar bem-arrumada.



Depois que se penteou viu que estava pronta para se sentar em cima do ovo e esquentá-lo até nascer o pinto. Tudo estava tão bom que nem sei dizer.

Laura recebeu a visita das amiguinhas dela, todas cacarejando e trazendo minhocas de presente, já que ela não podia levantar-se de cima do ovo.

Também recebeu visita de Dona Luísa. Como presente de Dona Luísa, Laura ganhou um pires de milho novo e amarelo.

Quando o pinto estava pronto, grande demais para caber dentro da casca, ele mesmo quebrou de dentro para fora a casca com o bico.

Depois que saiu inteiro da casca do ovo, apareceu aquela coisa feinha e magrinha.

Mas no dia seguinte virou o pinto mais amarelo do mundo e o mais fofinho, e começou a correr lindo atrás da mãe. Laura catava minhocas e botava as minhocas no bico aberto do pinto. Até que ele foi crescendo e virou frango e então ele mesmo procurava comida para comer. Já tinha pegado a mania de Laura: comia sem parar. Laura estava satisfeita como uma rainha.

Este frango se chama Hermany.

Uma bela noite... Bela coisa nenhuma! Porque foi terrível. Um ladrão de galinhas tentou roubar Laura no escuro do quintal. Mas Laura fez uma barulheira tão tremenda que agitou todas as galinhas e elas começaram a cacarejar. E o galo começou a berrar.

Dona Luísa acendeu as luzes da casa toda, acendeu as luzes do quintal e o ladrão teve tanto medo que fugiu. Dizem que até hoje ele ainda anda correndo.

Outra coisa ruim para Laura foi que Dona Luísa a emprestou para um quintal vizinho. É que ela sabia botar muito ovo e pediam que a emprestassem por uns tempos.

Foi assim que Laura se viu entre galinhas desconhecidas e sem Luís.

Depois tudo foi melhorando porque ela começou a arranjar amigas entre as galinhas e botou grande quantidade de ovos.

Então voltou para o seu verdadeiro quintal. Luís ficou todo contente. Esse galo, como eu já disse, era muito vaidoso. Orgulhava-se de ser casado com Laura, orgulhava-se de cantar bem alto, bem rouco e bem estridente, logo que o Sol dava mostras de querer nascer. Ele era o primeiro galo das redondezas a cocoricar.

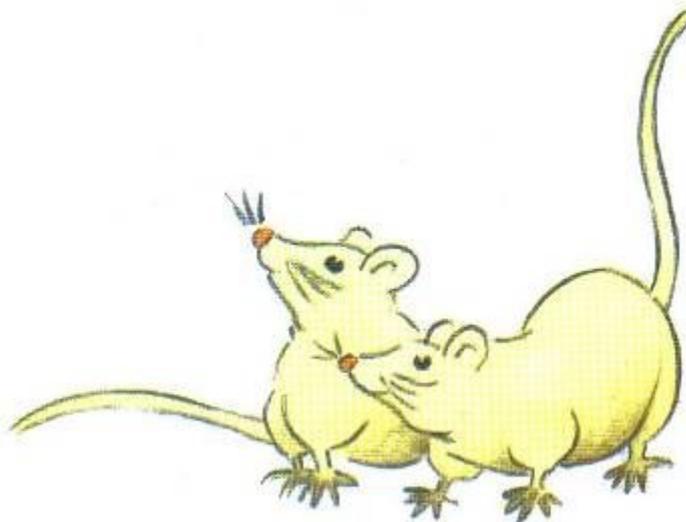
Quando eu era do tamanho de você, ficava horas e horas olhando para as galinhas. Não sei por quê. Conheço tanto as galinhas que podia nunca mais parar de contar.

Vou contar uma coisa meio enjoada de se contar. É o seguinte: sabe que a galinha tem um cheiro um pouco chato? Parece cheiro de cesto de roupa suja ou de quando a gente não toma banho todos os dias. Não é cheiro limpo não. Então embaixo das asas é aquela morrinha. Mas não faz mal. Todas as coisas têm mesmo um cheiro, não é? Você cheira bem? Cachorro é que gosta de viver cheirando tudo, O que eu queria saber é quem ensinou o galo a cantar de madrugada. Tem gente que se aproveita do canto como despertador para se acordar.

Eu queria tanto que Laura soubesse falar. Ela ia dizer tanta burrice engraçada que só vendo. Ela ia dizer assim, por exemplo: “você sabe que uma coisa vermelha é vermelha?” e você respondia: claro que é, pois se você já está dizendo.

Talvez ela pudesse explicar que gosto tem minhoca. Mas não é fácil explicar o gosto que se tem na boca. Por exemplo: experimente explicar o gosto do chocolate. Viu como é difícil? É gosto de chocolate mesmo.

Você sabe que Deus gosta de galinha? E sabe como é que eu sei que Ele gosta? É o seguinte: se Ele não gostasse de galinha, Ele simplesmente não fazia galinha no mundo. Deus gosta de você também senão Ele não fazia você. Mas por que faz ratos? Não sei.



Laura não beija ninguém. Acho que ela dá umas bicadinhas meio sem jeito em Hermany. Aliás nunca vi ninguém mais sem jeito que essa galinha. Tudo o que ela faz é meio errado. Menos comer. E, é claro, ela faz um ovo certo.

Existe um modo de comer galinha que se chama “galinha ao molho pardo”. Você já comeu? O molho é feito com o sangue da galinha. Mas não adianta mandar comprar galinha morta: tem que ser viva e matada em casa para aproveitar o sangue. E isto eu não faço. Nada de matar galinha. Mas que é comida gostosa, é. A gente come com arroz bem branco e bem solto.

Também existe uma comida de galinha que se chama supremo de frango. Até me deu fome. Eu sei onde se come esse tipo de galinha. Mas não digo porque parece propaganda. Também, pelo mesmo motivo, não posso dizer que refrigerante é bom de se beber com essa galinha. Adivinhe! Começa com a letra C.

É engraçado gostar de galinha viva mas ao mesmo tempo também gostar de comer galinha ao molho pardo. É que pessoas são uma gente meio esquisitona.

Eu só queria saber do seguinte: há quanto tempo existe galinha na Terra? Você que me responda porque eu não sei.

Agora vou contar uma coisa um pouco triste.

A cozinheira disse para Dona Luísa apontando Laura:

— Essa galinha já não está botando muito ovo e está ficando velha. Antes que pegue alguma doença ou morra de velhice a gente bem que podia fazer ela ao molho pardo.

— Essa aí não mato nunca, disse Dona Luísa.

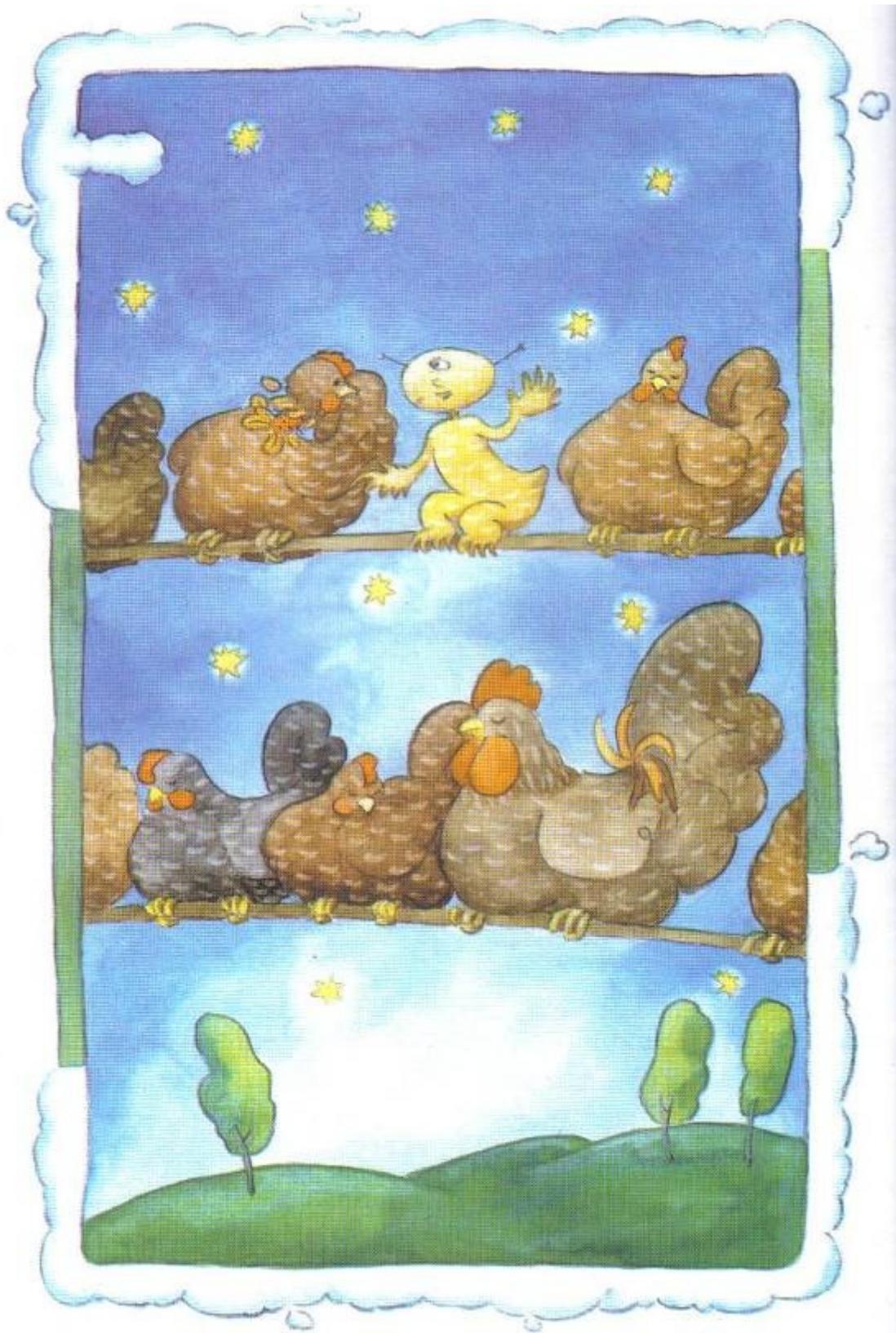
Laura ouviu tudo e sentiu medo. Se ela pensasse, pensaria assim: é muito melhor morrer sendo útil e gostosa para uma gente que sempre me tratou bem, essa gente por exemplo não me matou nenhuma vez. (A galinha é tão burra que não sabe que só se morre uma vez, ela pensa que todos os dias a gente morre uma vez.)

Além disso Laura estaria sentindo, se sentisse, que Dona Luísa nunca ia comê-la. Gostava muito de viver. Então ela meteu o bico na lama, se lambuzou toda e se despenteou. Veja que ela não era tão burra assim: ela sabia que os outros só a reconheciam mesmo porque ela era a mais limpa e a mais penteada do galinheiro. Quando a cozinheira

apareceu Laura ficou com medo, mas se garantindo com a bondade e o amor de Dona Luísa. A cozinheira pegou uma galinha chamada Zeferina, meio arruivada e meio marrom, que era muito parecida com Laura.



E na hora do jantar, quando todos estavam sentados ao redor da mesa, Zeferina, prima de quarto grau de Laura, apareceu numa travessa grande de prata, já toda em pedaços, alguns bem dourados. O filho e a filha de Dona Luísa, Lucinha e Carlinhos, comeram, embora com pena, Zeferina com arroz branco e solto e regaram tudo com molho pardo.



Agora vou contar uma coisa muito bacana. Preciso antes dizer que Laura era uma galinha pra frente. Tanto que um habitante de Júpiter — um cara que tinha um só olho na testa e era do tamanho mesmo de

uma galinha —, esse habitante de Júpiter baixou de noite no quintal de Dona Luísa, enquanto todas as galinhas estavam dormindo.

O habitante-anão se chamava Xext e foi logo acordar Laura. Laura nem se espantou. Disse assim:

— Olá bicho. Como é que você se chama?

— Xext, respondeu ele.

— Falou, tá falado, disse Laura.

E perguntou: quer que eu peça a Luís para cantar a sua vinda?

— Não, disse Xext, porque ele acordaria todo mundo. E não valia a pena porque as pessoas não acreditam em mim, pensam que sou fantasma.

— Por que você me escolheu para se apresentar?

— Porque você não é quadrada.

Xext pronuncia-se Equzequte. É difícil, eu sei. Era mais fácil se se chamasse José ou Zequinha.

Xext perguntou a Laura como eram os humanos por dentro.

— Ah, cacarejou Laura, os humanos são muito complicados por dentro. Eles até se sentem obrigados a mentir, imagine só.

— Peça alguma coisa de mim que eu faço acontecer, falou Xext.

— Ah, disse Laura, se meu destino for ser comida, eu queria ser comida por Pelé!

— Mas você nunca vai ser comida e ninguém vai matar você. Porque eu não deixo. E agora vou embora, minha mãe está me esperando. Ela se chama Xexta.

— Tchau, disse Laura.

— Tchauzinho, respondeu Xext e desapareceu.

Que bom ser protegida por um habitante de Júpiter, pensou Laura e começou a dormir de novo. Mas acordar no meio da noite bem que cansou Laura, e no dia seguinte a cozinheira disse a Dona Luísa:

— Laura está com cara de ontem.

“Cara de ontem” quer dizer cara de maldormida.

Acabou-se aqui a história de Laura e de suas aventuras. Afinal de contas, Laura tem uma vidinha muito gostosa.

Se você conhece alguma história de galinha, quero saber. Ou

invente uma bem boazinha e me conte.
Laura é bem vivinha.



CLARICE LISPECTOR

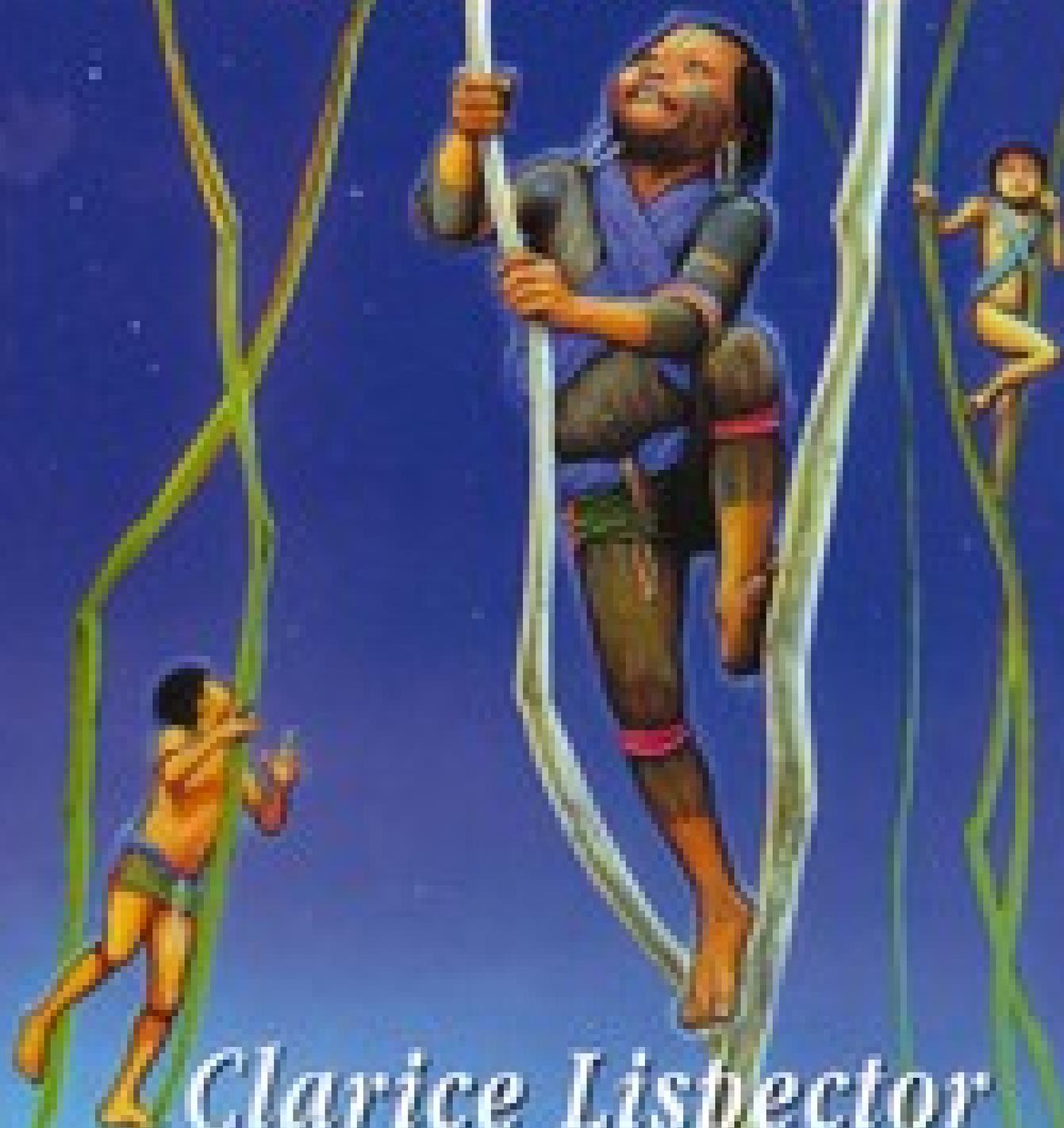
nasceu em 1920, em Tchetchelnik, uma pequena cidade da Ucrânia. Veio para o Brasil quando ainda era um bebê, com seus pais e suas irmãs. Viveu muitos anos no Recife. Desde pequena gostava de escrever e inventar histórias. Quando começou a trabalhar como jornalista, publicou seus primeiros contos. Então, nunca mais parou de escrever. Fazia livros para crianças e adultos. Casou-se no Rio de Janeiro e teve dois filhos. Viveu alguns anos em outros países: em Nápoles, na Itália; em Berna, na Suíça; em Torquay, na Inglaterra. Ao todo, Clarice Lispector escreveu vinte e seis livros. Eles fizeram tanto sucesso, que muitos foram até traduzidos em outras línguas.

Da autora:

- O MISTÉRIO DO COELHO PENSAnte
- A VIDA ÍNTIMA DE LAURA
- A MULHER QUE MATOU OS PEIXES
- QUASE DE VERDADE
- COMO NASCERAM AS ESTRELAS

COMO NASCERAM AS ESTRELAS

DOZE LENDAS BRASILEIRAS



Clarice Lispector

COMO NASCERAM AS ESTRELAS

DOZE LENDAS BRASILEIRAS

Clarice Lispector

Ilustrações de Ricardo Leite

EDITORA
NOVA FRONTEIRA

Como nasceram as estrelas,
Alvorço de festa no céu,
O pássaro da sorte,
As aventuras de Malazarte,
A perigosa Yara,
Uma festança na floresta,
Curupira, o danadinho,
O Negrinho do pastoreio,
Do que eu tenho medo,
A fruta sem nome,
Como apareceram os bichos,
Uma lenda verdadeira,

JANEIRO

Como nasceram as estrelas

Pois é, todo mundo pensa que sempre houve no mundo estrelas pisca-pisca. Mas é erro. Antes os índios olhavam de noite para o céu escuro — e bem escuro estava esse céu. Um negror. Vou contar a história singela do nascimento das estrelas.

Era uma vez, no mês de janeiro, muitos índios. E ativos: caçavam, pescavam, guerreavam. Mas nas tabas não faziam coisa alguma: deitavam-se nas redes e dormiam roncando. E a comida? Só as mulheres cuidavam do preparo dela para terem todos o que comer.

Uma vez elas notaram que faltava milho no cesto para moer. Que fizeram as valentes mulheres? O seguinte: sem medo enfurnaram-se nas matas, sob um gostoso sol amarelo. As árvores rebrilhavam verdes e embaixo delas havia sombra e água fresca. Quando saíam de debaixo das copas encontravam o calor,

bebiam no reino das águas dos riachos buliçosos. Mas sempre procurando milho porque a fome era daquelas que as faziam comer folhas de árvores. Mas só encontravam espigazinhas murchas e sem graça.

— Vamos voltar e trazer conosco uns curumins.

(Assim chamavam os índios as crianças.) Curumim dá sorte.

E deu mesmo. Os garotos pareciam adivinhar as coisas: foram retinho em frente e numa clareira da floresta — eis um milharal viçoso crescendo alto. As índias maravilhadas disseram: toca a colher tanta espiga. Mas os gatinhos também colheram muitas e fugiram das mães voltando à taba e pedindo à avó que lhes fizesse um bolo de milho. A avó assim fez e os curumins se encheram de bolo que logo se acabou. Só então tiveram medo das mães que reclamariam por eles comerem tanto. Podiam esconder numa caverna a avó e o papagaio porque os dois contariam tudo. Mas — e se as mães dessem falta da avó e do papagaio tagarela? Aí então chamaram os colibris para que amarrassem um cipó no topo do céu. Quando as índias voltaram ficaram assustadas vendo os filhos subindo pelo ar. Resolveram, essas mães nervosas, subir atrás dos meninos e cortar o cipó embaixo deles.

Aconteceu uma coisa que só acontece quando a gente acredita: as mães caíram no chão, transformando-se em onças. Quanto aos curumins, como já não podiam voltar para a terra, ficaram no céu até hoje, transformados em gordas estrelas brilhantes. Mas, quanto a mim, tenho a lhes dizer que as estrelas são mais do que curumins. Estrelas são os olhos de Deus vigiando para que corra tudo bem. Para sempre. E, como se sabe, "sempre" não acaba nunca.

F E V E R E I R O

Alvorço de festa no céu

Não é que na véspera do Carnaval houve no céu uma festa para os bichos da selva?

Os convites foram entregues por um beija-flor que delicadamente os deixava em cima de corolas de vitorias-regias. O bicho que ia passando via o seu nome no envelope e pulava de alegria: tinha sido contemplado com um programa para o fim de semana!

Mas notaram todos que só recebiam convites os bichos de asa. O que era uma injustiça. Pelo menos foi o que o sapo gordo pensou. Os animais de terra estavam conformados, esperando o dia em que houvesse a festa lá na selva mesmo. Mas, como eu disse, o sapo verde não. Todos riam dele e de suas reclamações coaxadas e inúteis.

Ele aproveitou o fim manso de tarde para gritar bem alto e ser bem ouvido.

— Eu também vou!

Os pássaros caçoaram e perguntaram:

Cadê tuas asas, bicho feio?

Foi então que pensou: devo consultar quem é igual a mim, porém mais velho. E realmente, no brejo que ficava entre samambaias e avencas, encontrou um sapo velho e cheio de sabedoria chamado Quá-quá-qua, Este se amedrontou com as intenções do sapo jovem:

— Olhe, é melhor para a sua saúde não sair do chão e ter água por perto.

Então o sapo jovem disse-lhe:

— O senhor é capaz de guardar um segredo? Pois bem, eu vou dançar lá em cima. Basta-me que o urubu feio leve o seu violão

Qua-qua-qua disse-lhe que não o entendia.

O sapo foi falar com o urubu:

— Você vai levar seu violão, urubu?

O urubu, de violão debaixo da asa, nem se dignou a responder.

— Senhor urubu, quer me fazer um único favor? o de ver se estou naquela esquina?

O urubu, meio burro, replicou que, já que era um só favor, ele iria. E não carregou o violão. O sapo mais que depressa entrou no violão e ficou lá bem quieto,

embora tivesse uma vontade louca de fumar. O urubu voltou para lhe dizer que não o havia encontrado na esquina — mas cadê o sapo? Sumira, pensou. E pensou: agora vou para o céu.

Para encurtar a história, o sapo, dentro do violão, chegou ao céu e mais do que depressa pulou para fora e começou a dançar todo feliz. Os pássaros se espantaram, perguntaram ao senhor sapo como havia chegado. Mas a alma do negócio é o segredo e o sapo só respondeu malcriado:

— É que eu me arranjo sempre!

E entrou de novo sorrateiro no violão para ir embora. Mas o urubu percebeu a coisa e ficou raivoso: Espertinho, não é? Pois agora mesmo é que você vai voar, vou te soltar no ar. Então o sapo pediu todo manhoso:

— Está vendo aquela pedra e aquele lago? Pelo amor de Deus, deixe eu cair na pedra porque se eu cair no lago eu me afogo!

— Pois é no lago que eu vou te largar, para você morrer!

O sapo, bem feliz, caiu no lago, e salvou-se.

Moral da festa? Bem, não houve.

M A R Ç O

O pássaro da sorte

Trata-se do uirapuru, pássaro encantado da sorte e que tem como moradia as ricas florestas da Amazônia.

A história é um pouco triste. Mas o canto dessa ave é tão plangente e mavioso que vale a pena contar.

Começa com um índio tocando flauta na selva. E as índias jovens ouviam-no. Daí para procurar ver quem era o guapo índio que a tocava foi um só passo. O segundo passo foi encontrar o músico e cair para trás com uma bruta decepção. Elas, tolinhas, achavam que coisa bonita só pode vir de gente bonita. E caprichosas, malcriadas, empurraram o índio feio para fora da clareira. Humilhado, ele então fugiu.

Na mesma hora as índias ouviram uma outra flauta tocada com delicadeza e doçura. E pensaram com esperança que talvez o tocador dessa nova flauta fosse um índio bonito. Seguiram pelas sendas da

floresta, guiadas pelo cântico que cada vez parecia mais próximo. E não é que depararam, não com um índio, mas com um passarinho pousado num galho de árvore frondosa? Era o pássaro uirapuru. Uma das índias, a mais formosa e esguia, era também a melhor caçadora. E, como as outras, quis ferir o pássaro para que ele não fugisse e só cantasse para ela. Com arco e flecha, preparou-se. E, é claro, a ave caiu do galho.

Agora vem uma surpresa, tanto para as índias como para nós: uma vez por terra, o pássaro transformou-se num rapaz belíssimo.

Este índio, com um sorriso manso, dirigiu-se para a sua caçadora, enquanto todas as outras índias rezavam pela sua atenção e amor.

Estava tudo bem. Mas a primeira flauta começou a soar novamente: era a do índio feio.

As moças sabiam que ele queria se vingar dos maus tratos e procuraram rodear o índio bonito para escondê-lo. Mas o índio feio mandou rápido sua flecha, em direção do peito varonil do rival, só para assustá-lo. E não é que aconteceu um encantamento milagroso? Aconteceu, sim: o rapaz bonito se transformou num pássaro invisível, mas presente pelo seu canto. E as índias passaram, mesmo sem ver, a ouvir o trinado

feliz.

Como é que se espalhou que o uirapuru dá sorte?

Ah, isso não sei, mas que dá, dá!

A B R I L

As aventuras de Malazarte

Ah, mês de abril que delícia de existir! Também para Pedro Malazarte.

Vou contar: como o pai tinha morrido, a mãe dividira em pedaços a casa toda, dando-os a cada filho. A Pedro Malazarte coube uma porta. Ele pensou: com esta porta conquistarei o mundo. Realmente, em breve viu um urubu pousado num burro morto. Mas que depressa jogou a porta em cima deles — e como o urubu ficou manco, foi fácil pegá-lo. Para que queria ele um urubu? Lá disso sabia ele. E quando sentiu no ar os eflúvios de um jantar magnífico, bateu à porta da casa de uma senhora, gulosa e sabida, que estava preparando para si mesma um banquete, escondido do marido que fora viajar. Malazarte foi irritadamente expulso pela sabidona e sua criada. Então, com o auxílio da porta encostada na parede, subiu ao teto e de lá viu embaixo comida boa para valer. Tinha leitão assado, peru, e tudo o mais que delicia um homem. Foi

quando o marido chegou, inesperadamente. A mulher matreira lamentou-se: se eu soubesse que você vinha eu preparava coisa boa de se comer mas como não te esperava só tenho carne seca, feijão ralo e farinha morrinhenta...

Aí, Malazarte apresentou-se de novo com o seu urubu, sabendo que o marido não lhe recusaria um pouco do minguido jantar. Mal começam a comer quando Malazarte deu, bem disfarçado, uma cutucada no urubu, que gemeu.

— Por que é que ele está se lamentando? perguntou o dono da casa.

— Está me dizendo umas novidades, respondeu Malazarte. O meu urubu, ao contrário dos outros, fala e está me contando que sua mulher lhe guardou um leitãozinho assado de surpresa... A mulher teve medo de Malazarte e disse: oh, urubu danado, estragou a surpresa! Tenho mesmo este leitãozinho para você...

Daqui a pouco o urubu gemeu de novo, o que fez Malazarte dizer:

- O urubu intrometido, pára de me contar?
- O que é que ele está contando?

— Que tem peru recheado.

— Meu maridinho, essa era a outra surpresa que o urubu desaforado estragou. Mas coma um pouco deste peru. E tenho doces, frutas, bebidas... Como era 1º de abril, dia de se enganar os outros, Malazarte vendeu falsamente o precioso urubu ao dono da casa para lhe servir de espião.

Bem alimentado, Malazarte prosseguiu caminho com a porta debaixo do braço.

Moral: mais vale uma porta desvalida e esperteza de Malazarte, que uma casa inteira para quem não tem arte.

M A I O

A perigosa Yara

Ao cair de todas as tardes, a Yara, que mora no fundo das águas, surge de dentro delas, magnífica. Com flores aquáticas enfeitada então os cabelos negros e brinca com os peixinhos de escapole-escapole. Mas no mês de maio ela aparece ao pôr-do-sol para arranjar noivo.

As mães se preocupam com seus filhos varões, sabedoras de que a Yara quer noivos. Mas para os filhos, Yara é a tentação da aventura, pois há rapazes que gostam de perigo.

À medida que a Yara canta, mais inquietos e atraídos ficam os moços, que, no entanto, não ousam se arriscar.

Sim, mas houve um dia um Tapuia sonhador e arrojado. Pensativamente estava pescando e esqueceu-se de que o dia estava acabando e que as águas já se amansavam. Foi quando pensou: acho que estou tendo

uma ilusão. Porque a morena Yara, de olhos pretos e faiscantes, erguera-se das águas. O Tapuia teve o medo que todo o mundo tem das sereias arriscadas — largou a canoa e correu a abrigar-se na taba.

Mas de que adiantava fugir, se o feitiço da Flor das Águas já o enovelara todo? Lembrava-se do fascínio de seu cantarolar e sofria de saudade. A mãe do Tapuia adivinhara o que acontecia com o filho: examinava-o e via nos seus olhos a marca da fingida sereia.

Enquanto isso, Yara, confiante no seu encanto, esperava que o índio tivesse coragem de casar-se com ela. Pois — ainda nesse mês de florido e perfumado maio — o índio fugiu da taba e de seu povo, entrou de canoa no rio. E ficou esperando de coração trêmulo. Então — então a Yara veio vindo devagar, devagar, abriu os lábios úmidos e cantou suave a sua vitória, pois já sabia que arrastaria o Tapuia para o fundo do rio.

Os dois mergulharam e advinha-se que houve festa no profundo das águas.

As águas estavam de superfície tranqüila como se nada tivesse acontecido. De tardinha, aparecia a morena das águas a se enfeitar com rosas e jasmins.

Porque um só noivo, ao que parece, não lhe bastava.

Esta história não admite brincadeiras. Que se cuidem certos homens.

J U N H O

Uma festança na floresta

Estamos no mês de junho, as fogueiras de São João se acendem, balões sobem, já há friozinho e aconchego. Dá para comer batata-doce à meia-noite com café tinindo de quente.

Mas me disseram que a festa não é só nossa. Pois não é que ia haver uma festa da bicharada na selva? E calculei que isso acontecesse no mês de nossos próprios folguedos. Pelo menos é o que garantem os índios da tribo Tembé.

Foi assim: os animais das matas até que estavam ocupados e calmos em relação a seus deveres, pois o dever do animal é existir. Mas eis senão quando surgiu no ar um boato que logo se espalhou alvissareiro num diz-que-diz assanhado. Vinha esse boato trazido pelo canto do sabiá. Como o sabiá, a quanto se sabe, canta pelo mero prazer de cantar, ficaram os bichos em dúvida sobre se era ou não verdade.

E — de repente — começou a chover convite para

a tal festança. Quem convidava não dizia quem era, mas todos desconfiaram que a idéia vinha da rainha das selvas brasileiras, a onça, manda-chuva que era. Todos os bichos foram convidados, garantindo-se que na ocasião seria abolida a ferocidade. Até a mãe-coruja, que de tão séria e sábia até óculos usava, foi convidada com os seus filhotes.

Quanto às filhas do macaco, doidas para namorar e enfim casar, enfeitaram-se tanto e com tantas bugigangas que pareciam umas — é isso mesmo, pareciam umas verdadeiras macacas.

E quem pensa que a cobra faltou por ser tão nojenta está enganado: apareceu fazendo salamaleques com o corpo escorregadio para chamar atenção.

A noite estava toda iluminada por milhares de vagalumes, pela lua silenciosa e pelas estrelas úmidas. Quanto à orquestra, fiquem certos de que era da melhor qualidade: uma turma de tucanos encarregou-se de tocar em valsa os mais belos grunhidos da mata.

A bicharada estava acesa de alegria, O papagaio foi muito aplaudido quando berrou uma canção alegre, e as macacas casadoiras, penduradas pelos rabos nas

árvores, estavam certas de que eram grandes bailarinas.

Bem, a coisa estava no máximo de animação. Mas a onça estava inquieta, doida para atacar. E como não fosse permitida nessa noite a carnificina, ela começou a ser feroz com a língua viperina. Então cantou: "Dona Anita é gorda e roliça que nem uma porca e tem cor de rato." A Anta danou-se e retirou-se.

A onça, vendo que tinha tido sucesso, cantou uma ofensa horrível contra o jabuti, dizendo que este estava coberto de mosca varejeira. Tanto que o jabuti ofendido foi embora. Depois a onça falou: "Vejam que decote indecente o das filhas do macaco."As macacas ficaram fulas da vida e só não saíram de lá porque a esperança de arranjar noivo é a última que acaba.

Mas acontece que havia entre os animais o deus dos veados, Arapuá-Tupana, que resolveu acabar com a empáfia da onça e para vencê-la pôs-se a cantar. Os bichos, sabendo que quando o ouvissem morreriam, taparam os ouvidos. Arapuá-Tupana afinal foi embora e a bicharada não morreu.

É. Mas os animais haviam perdido o dom da fala, ninguém se compreendia mais. E isso até o dia de hoje.

Porque grunhir ou cantar não diz nada. Tudo por causa da onça linguaruda.

J U L H O

Curupira, o danadinho

Neste mês de julho vou- vos contar história esquisita de um ser mais esquisito ainda. Os índios chamam-no de Curupira. Começo por descrevê-lo: é feio que nem o Tinhoso e peludo que nem um urso, mas pequeno. Já se viram dentes verdes? Pois o Curupira tem. Sem falar nas orelhas agudas. Ele não é caranguejo, porém seus pés são virados para trás, como se ele fosse andar de marcha a ré. Ninguém nunca sabe onde ele está. Fugindo sempre? Talvez. E de repente surge em assustadora aparição. Quando vai embora não deixa rastro na terra. Só se ouve um sussurro na mata — podem estar certos: é ele. E além do sussurro ouvem-se as marteladas no tronco das árvores. E que, sem ninguém lhe mandar, ele as vigia para saber se agüentam tempestades e borrascas. Que ser misterioso. Pois que também é sábio: conhece, ao olhar apenas, as plantas que curam doença de bicho. Porque ele protege os animais contra malefícios

e caçadores. E faz tudo isso sem deixar marcas. Só fica no ar um perfume de mata virgem que é o seu. Mas o danadinho raramente auxilia pessoas, esse pequeno moleque.

As vezes simpatiza com um ou outro caçador e logo o convida para morar na floresta. Como o Saci-Pererê, também pede fumo e em troca do que lhe é dado ensina os segredos da selva.

Também sabe se vingar dos índios que, com flechas, ferem um bicho indefeso. Então o Curupira o atrai para caminhos sem fim e eis o caçador enganado, tonto e perdido. É verdade que pede antes a um caçador que não mate animais dos que vivem em grupo, porque o grupo ficará com saudade deles. Mas, ai de nós se o índio não cede! Não tem o perdão do Curupira. Espalha fogo e quase deixa o índio bem assado. Os caçadores temem esta espécie de gnomo-monstro e suas vinganças.

Tudo o que ele pede, se não dão atrai sorte ruim. Me dá fumo! diz o Curupira para o índio jangadeiro. E se este nega, a jangada é virada para o fundo das águas. Tem qualquer parentesco com o Saci-Pererê. Mas enquanto este gosta de se divertir com os outros, com o Curupira não se brinca Por exemplo: coitado de

quem penetra na sua mata que serve de casa. A vingança não tarda.

Não se sabe é explicar por que ele é tão bom com os bichos E, se não está em guerra, vive muito bem nas profundezas distantes da floresta.

A G O S T O

O negrinho do pastoreio

Como é mês de agosto e faz um pouco de frio, vou contar uma história que aconteceu nos pampas do sul do país, talvez em Pelotas. Começa não muito bem, pois nesses pampas havia um homem muito rico, mau e sovina: nem restos de comida ele dava. Seu filho era um guri que herdara sua ruindade. Esqueci de dizer que a história se passa no tempo da escravidão. E vou falar de um escravinho mais negro que carvão chamado exatamente de Negrinho. Não conhecia pai ou mãe e dizia que Nossa Senhora era sua madrinha. Apanhava do patrão e do filho que não era brincadeira. O homem ruim tinha um cavalo baio muito bonito e veloz e um estancieiro vizinho desafiou-o dizendo: será que esse cavalo baio é bom na corrida? Já se sabe quem ia montar o baio sem sela: o Negrinho, é claro. Mas infelizmente o baio perdeu na corrida e o Negrinho levou uma surra que eu vou te contar. E como se não

bastasse, mandaram-no tomar conta da tropilha do patrão. Era de noite, Negrinho estava todo machucado e com medo dos bichos que pudessem se aproximar. Mas Nossa Senhora ajudou-o a adormecer. Eis então quando ouviu-se um tiro de espingarda no ar: os animais se assustaram e se dispersaram pelas campinas. O estampido partira do filho do patrão. Mas quem levou nova surra foi o Negrinho. Mandaram-no procurar os cavalos. Enquanto isso a noite estava ainda mais fechada. E não se via cavalo nenhum. Aí o Negrinho pegou um toco de vela que iluminava sua madrinha no oratório do homem ruim. E correu pelas coxilhas montado no baio, à procura dos cavalos dispersos. Aconteceu um pequeno milagre: cada vez que a vela abençoada pingava cera no chão, milhares de velinhas iam aparecendo para iluminar a noite. Com esse grande auxílio, o Negrinho encontrou os cavalos. E cansado adormeceu, O homem ruim tinha raiva até do sono do Negrinho e mandou um outro escravo dar chicotadas no garoto e colocá-lo junto de um formigueiro, só para chatear o menino.

Depois o patrão quis ver o moleque que devia estar todo roído de formigas. Mas junto do formigueiro estava o Negrinho perfeitamente sadio, com o baio e a

tropilha. Espantado o homem ruim, mais espantado ficou, porque viu junto do escravinho a Nossa Senhora protegendo o Negrinho, O homem ruim se ajoelhou de medo e não de bondade. Quanto ao Negrinho, montado no baio, seguia corrida com a tropilha para sempre. Para sempre quer dizer que até hoje continua a corrida. E quem quiser, vê-lo. Quero dizer: se quiser muito mesmo. Só que durante uns dias de cada ano Negrinho some. Deve estar conversando com suas amigas formigas.

Qualquer gaúcho conhece esta história e muitos acham que o Negrinho ajuda a encontrar o que se perdeu, seja objeto, seja amor, seja felicidade sumida. Será que a moral desta história é que o bem sempre vence? Bom, nós todos sabemos que nem sempre. Mas o melhor é a gente ir-se arranjando como pode e dar um jeito de ser bom e ficar com a consciência calminha.

S E T E M B R O

Do que eu tenho medo

Bem, o jeito mesmo é começar fazendo uma confissão: a de que sou um pouquinho covarde, tenho meus medos. E você vai rir de mim quando souber de que é que receio tanto. E... bem, é...

(Vou tomar uma bruta coragem e dizer de uma vez.)

Tenho tanto medo é do... Saci-Pererê! Mas que alívio em já ter confessado. E que vergonha. Só não juro que o Saci existe porque não se deve ficar jurando à-toa, por aí. Você é provavelmente de cidade e não me acredita. Mas que nas matas tem saci, lá isso tem. E eu garanto essa verdade que até parece mentira, garanto, porque já vi esse meio-gente e meio-bicho.

E para que você acredite em mim, vou descrevê-lo: ele é um diabinho de uma perna só (apesar de miraculosamente cruzar a perna). Dou a você como garantia minha palavra de honra. E ele anda sempre com um cachimbozinho.

Devo dizer que ele não é pessoa de fazer grandes maldades. É, mas faz as pequenas e marotas. As vezes quando lhe negam fumo — é melhor ter sempre tabaco numa caixinha porque prevenir é melhor que remediar — como eu ia dizendo, quando lhe negam fumo, ele faz das suas. Pois se até leite fervido ele azeda! Mosca na sopa? Pois foi ele o pequeno malfeitor. Brincadeira tem hora, às vezes a gente fica com raiva. Sem falar que o Saci assusta as galinhas, coitadas, que já são por natureza assustadas. É, mas não é que ele faz com que fiquem completamente espavoridas?

Dona-de-casa? Cuidado porque ele queima o feijão na panela. E o danadinho faz essas coisas ou para se vingar ou para divertir e gostar de atrapalhadas.

Dou minha palavra de que já dei muito fumo ao Saci. Se você não acredita, vou então descrevê-lo: usa na cabecinha sabida uma carapuça vermelhíssima e escandalosíssima, tem a pele mais negra do que carvão em noite escura, uma perna só que sai pulando, e, é claro, um cachimbozinho aceso porque ele tem, como eu, o vício do fumo.

Mas uma vez eu me vinguei. Quando ele me pediu fumo, dei. Mas misturei ao tabaco... um pouco de

pólvora (não demais porque eu não queria matá-lo). E quando ele tirou a primeira tragada, foi aquele estrondo. Porque eu também sou um pouquinho Saci-Pererê: foi com ele mesmo que aprendi as manhas.

Aviso ao Saci: por favor não se vingue de mim botando pólvora no meu fumo porque eu me vingarei pondo fogo na mataria toda!

Acho que tenho dito.

O U T U B R O

A fruta sem nome

Neste mês cai o Dia das Crianças. Além de brinquedos, por que não lhes contar sobre a fruta desconhecida?

No tempo de nossa tatatatataravó, simplesmente as árvores cresciam lindas mas sem dar frutas. Além do mais, não havia boas raízes para um repasto bom. Como se pode imaginar, a fome grassava entre os bichos.

Aí, como quem não quer nada, espalhou-se um boato: na floresta amazônica crescia uma árvore especial. Arvore com dom de encantamento.

— Dá fruta? perguntavam-se os bichos. A resposta veio da arara tagarela: dava fruta gostosa.

Havia, porém, um “mas”. Para colher a fruta era preciso conhecer antes o seu nome...

Os bichos pensaram, pensaram e pensaram. E resolveram perguntar o nome da árvore mágica a Tupã.

Este não se fez de rogado: — Olhem, é “muçá,

muçá, muçá”.

A anta começou a repetir e a repetir o nome pelo caminho para não esquecer. Mas encontrou uma velha egoísta que queria comer sozinha todas as frutas.

— Anta, amiga minha, quer trazer para mim uma “mugá, mucungá, muculungá”?

A anta ficou pasma e atrapalhou-se quanto ao nome que vinha repetindo.

O jeito era outro bicho pedir a Tupã o nome da fruta. Mal pensaram e logo agiram, obtendo o quati o nome esquecido. Mas também encontrou a velha maluca e se atrapalhou para valer. Depois foi a vez do macaco que ameaçou a velha. Esta, contudo, disse um nome qualquer para a fruta — e adeus memória de macaco. O jacaré também caiu na cilada.

Chegou então a vez do jabuti que tem casco de tartaruga. Foi perguntar a Tupã o abençoado nome. Tupã quis desiludi-lo:

— Você não é de nada com sua vagareza, a velha te pega antes que você dê dois passos.

O jabuti, porém, não desanimou. Confiava na sua esperteza que era maior que sua lentidão. Além do mais, era bicho insistente. Aprendeu o nome e tocou a sua flautinha, repetindo o nome e depois a mesma

melodia.

Aí a velha foi se achegando sabida e gritou:

— Filhinho também quero uma “mugá, mucungá, muculungá”. Mas o jabuti continuou dizendo: “muçá, muçá, etc”. Quanto mais a velha queria atrapalhar, mais o jabuti repetia o nome certo. Fez-se de surdo e tocava a flautinha sem esquecer o que Tupã lhe ensinara...

A velha ficou danada da vida e começou a bater no seu casco. Mas embaixo do casco o jabuti cantava. Quem ficou atrapalhada foi a velha raivosa.

O jabuti é bicho bom e ensinou o segredo aos outros animais. A fruta era uma delícia e a comilança foi grande. E claro que o jabuti regalou-se. Mas tem uma coisa: ficou até hoje com o casco rachado por causa da surra que levou da velha.

N O V E M B R O

Como apareceram os bichos

Os Maués dizem que no tempo mais antigo do mundo só havia pessoas e nem um animal. Um belo dia a tribo dos Maués planejou fazer uma festa e até nomeou um dos índios para receber os convidados. Este índio se chamava Hêté-nacop e ficou no meio do caminho para guiar os outros índios. Aí chegou sua noiva. Ele lhe prometeu festa assanhada e comida à beça.

— Olhe, disse-lhe a noiva, estou meio adoentada e não quero festa.

Tudo mentira. O que a noiva estava planejando era chegar ao local da festa antes do noivo para poder namorar outros rapazes. Para isto, fez-se muito bonita: usou urucum que é semente de planta de onde sai tinta para pintar o rosto. Quanto aos cabelos, achou um jeito de esfregar neles frutas para ganharem brilho. E mandou-se para a festa antes do noivo chegar. Mas este foi avisado por alguém que, enquanto ele estava

no meio do caminho, a noiva não parava de namorar. O índio duvidou e afiançou que sua noiva estava doente.

Na certa quem estava lá era sua cunhada, parecida com a noiva. O informante insistiu na declaração. Então o noivo foi depressa ao lugar do baile e para isto transformou-se em pássaro veloz. O que encontrou ele? Adivinharam: sua noiva numa dança alegre. O índio, furioso, de novo transformado em gente, disse aos convidados no meio do caminho: aviso que nesta festa vai haver grande mudança no que é vivo. E foi pedir à chuva, ao raio, ao trovão para lhe fazerem um favor.

Caiu então na floresta uma tremenda tempestade e toca o noivo a bater em todo mundo sem falar que deu uma boa surra na noiva, além de lhe puxar o nariz bem puxadinho. E não é que a bela índia transformou-se em tamanduá-bandeira? O índio, que era seu parceiro na dança, também teve o nariz puxado, transformando-se em anta com o focinho comprido. Um índio, que era muito feio, virou morcego e saiu voando. Uma velha tagarela virou mutum. Também outros viraram periquito, saracura, cobras e lagartas. Sabem como nasceu o jacaré? Nasceu de um índio que abriu uma boca cheia de dentes. Os convidados, em vez de

gente, eram um macaco preguiça, a onça, o urubu, o macuco, e nem sei mais quem. Sem falar que uma índia tornou-se capivara, outra gafanhoto, outros sapos, borboletas e grilos. Uma velha que estava ralando guaraná, quando viu a coisa ficar feia, fugiu com a cuia e pedra de ralar e o guaraná. Mas não houve apelação: a cuia lascou-se e virou casco de jabuti, enquanto o guaraná passou a ser o seu coração. E esta é a origem dos bichos do mar e da terra, acreditem ou não.

D E Z E M B R O

Uma lenda verdadeira

Na manjedoura estava calmo e bom. Era de tardinha e ainda não se via a estrela-guia. Por enquanto a alegria serena de um nascimento — que sempre renova o mundo e o faz começar pela primeira vez — por enquanto a alegria suave pertencia apenas a uma pequena família humilde. Alguns outros sentiam que algo acontecia na terra, mas ver, ninguém via ou ao certo sabia. Na tarde já escurecida, na palha cor de ouro, tenro como um cordeiro, refulgia o menino, tenro como o nosso filho. Bem dè perto a cara de um boi e outra de jumento olhavam. E esquentavam o ar `com o hálito do corpo. Era depois do parto, e tudo,úmido repousava, tudo úmido e morno respirava. Maria descansava o corpo cansado — sua tarefa no mundo e diante dos povos e de Deus seria a de cumprir o seu destino, e ela agora repousava e olhava a criança doce. José de longas barbas, ali sentado, meditava, apoiado

no seu cajado: seu destino, que era o de entender, se realizara.

O destino da criança era o de nascer. Ouvia-se como se fosse no meio da noite calada, aquela música de ar que cada um de nós já ouviu e de que é feito o silêncio. Era extremamente doce e sem melodia, mas feita de sons que poderiam se organizar em melodia. Flutuante, ininterrupta. Os sons como quinze mil estrelas. A pequena família captava a mais primária vibração do ar — como se o silêncio falasse. O silêncio do Deus grande falava. Era de um agudo suave, constante, sem arestas, todo atravessado por sons horizontais e oblíquos. Milhares de ressonâncias tinham a mesma altura e a mesma intensidade, a mesma ausência de pressa, noite feliz, noite sagrada.

E o destino dos bichos ali se fazia e refazia: o de amar sem saber que amavam. A doçura dos brutos compreendia a inocência dos meninos. E, antes dos reis, presenteavam o nascido com o que possuíam: o olhar grande que eles têm e a tepidez do ventre que eles são.

Este menino, que renasce em cada criança nascida, iria querer que fôssemos fraternos diante da nossa condição e diante de Deus. O menino iria se

tornar homem e falaria.

Hoje em muitas casas do mundo nasce um Menino.

E, como se não bastasse, espouca no ar como champanhe o borbulhante Ano Novo.

Clarice Lispector

O MISTÉRIO DO COELHO PENSANTE



ROCCO
JOVENS LEITORES

O MISTÉRIO DO
COELHO PENSANTE

Ilustrações

Marina Massarani

ROCCO

Jovens leitores

Esta história só serve para criança que simpatiza com coelho. Foi escrita a pedido-ordem de Paulo, quando ele era menor e ainda não tinha descoberto simpatias mais fortes. O mistério do coelho pensante é também minha discreta homenagem a dois coelhos que pertenceram a Pedro e Paulo. meus filhos. Coelhos aqueles que nos deram muita dor de cabeça e muita surpresa de encantamento. Como a história foi escrita para exclusivo uso doméstico, deixei todas as entrelinhas para as explicações orais. Peço desculpas a pais e mães, tios e tias, e avós, pela contribuição forçada que serão obrigados a dar. Mas pelo menos posso garantir, por experiência própria, que a parte oral desta história é o melhor dela. Conversar sobre coelho é muito bom. Aliás, esse “mistério” é mais uma conversa íntima do que uma história. Daí ser muito mais extensa que o seu aparente número de páginas. Na verdade só acaba quando a criança descobre outros mistérios.

C.L.



Pois olhe, Paulo, você não pode imaginar o que aconteceu com aquele coelho.

Se você pensa que ele falava, está enganado. Nunca disse uma só palavra na vida. Se pensa que era diferente dos outros coelhos, está enganado. Para dizer a verdade, não passava de um coelho. O máximo que se pode dizer é que se tratava de um coelho muito branco.

Por isso tudo é que ninguém nunca imaginou que ele pudesse ter algumas idéias. Veja bem: eu nem disse “muitas idéias”, só disse “algumas”. Pois olhe, nem de algumas achavam ele capaz.

A coisa especial que acontecia com aquele coelho era também especial com todos os coelhos do mundo. É que ele pensava essas algumas idéias com o nariz dele. O jeito de pensar as idéias dele era mexendo bem depressa o nariz. Tanto franzia e desfranzia o nariz que o nariz vivia cor-de-rosa. Quem olhasse podia achar que pensava sem parar. Não é verdade. Só o nariz dele é que era rápido, a cabeça não. E para conseguir cheirar uma só idéia, precisava franzir quinze mil vezes o nariz.

Pois bem. Um dia o nariz de Joãozinho — era assim que se chamava esse coelho — um dia o nariz de Joãozinho conseguiu farejar uma coisa tão maravilhosa que ele ficou bobo. De pura alegria, seu coração bateu tão depressa como se ele tivesse engolido muitas borboletas. Joãozinho disse para ele mesmo:

— Puxa, eu não passo de um coelho branco, mas acabo de cheirar uma idéia tão boa que até parece idéia de menino!

E ficou encantado. A idéia que tinha cheirado era tão boa quanto o cheiro de uma cenoura fresca.

Joãozinho começou então a trabalhar nessa idéia. E para isso precisou mexer tanto o nariz que dessa vez o nariz ficou quase vermelho. Coelho tem muita dificuldade de pensar, porque ninguém acredita que ele pense. E ninguém espera que ele pense. Tanto que a natureza do coelho até já se habituou a não pensar. E hoje em dia eles todos estão conformados e felizes. A natureza deles é muito satisfeita: contanto que sejam amados, eles não se incomodam de ser burrinhos.

Desconfio que você não sabe bem o que quer dizer natureza de coelho.

Natureza de coelho é o modo como o coelho é feito. Por

exemplo: a natureza dele dá mais filhinhos do que a natureza das pessoas. É por isso que ele é meio bobo para pensar, mas não é nada bobo quando se trata de ter filhinhos. Enquanto um pai e uma mãe têm devagar um só filho-gente, o coelho vai tendo muitos, assim, como quem não quer nada. E bem depressa, igual como franze e desfranze o nariz.

Natureza de coelho é também o modo como ele adivinha as coisas que fazem bem a ele, sem ninguém ter ensinado.

Natureza de coelho é também o modo que ele tem de se ajeitar na vida.

Como eu ia contando, Joãozinho começou a trabalhar na idéia. A idéia era a seguinte: fugir da casinhola todas as vezes que não houvesse comida na casinhola.

Você talvez esteja decepcionado, Paulinho. Você talvez esperasse outro tipo de idéia, você que tem tantas. Mas acontece que esta história é uma história real. E todo mundo sabe que essa idéia é exatamente a espécie de idéia que um coelho é capaz de cheirar. Pois a natureza dele só é esperta para as coisas de que ele precisa.

Como eu ia contando, Joãozinho lembrou-se de fugir cada vez que faltasse comida na casinhola.

Mas o problema era o seguinte: como é que ia poder sair lá de dentro?

A casinhola tinha grades muito estreitas, e Joãozinho, além de branco, era gordo. É claro que não podia passar pelas grades. O único modo de se abrir a casinhola era levantando o tampo. E o tampo, Paulo, era de ferro pesado, só gente é que sabia levantar.

Durante dois dias Joãozinho franziu e desfranziu o nariz milhares de vezes para ver se cheirava a solução. E a idéia finalmente veio.

Dessa vez, Paulo, foi uma idéia tão boa que nem mesmo criança, que tem idéias ótimas, pode adivinhar.

A idéia foi a seguinte: ele descobriu como sair da casinhola. E, se bem pensou, melhor fez. De repente os donos do coelho viram o coelho na calçada, gritaram, correram atrás dele, chamaram as outras crianças da rua — e todas juntas cercaram Joãozinho e finalmente conseguiram prendê-lo de novo.





Você na certa está esperando que eu agora diga qual foi o jeito que ele arranhou para sair de lá.

Mas aí é que está o mistério: não sei!

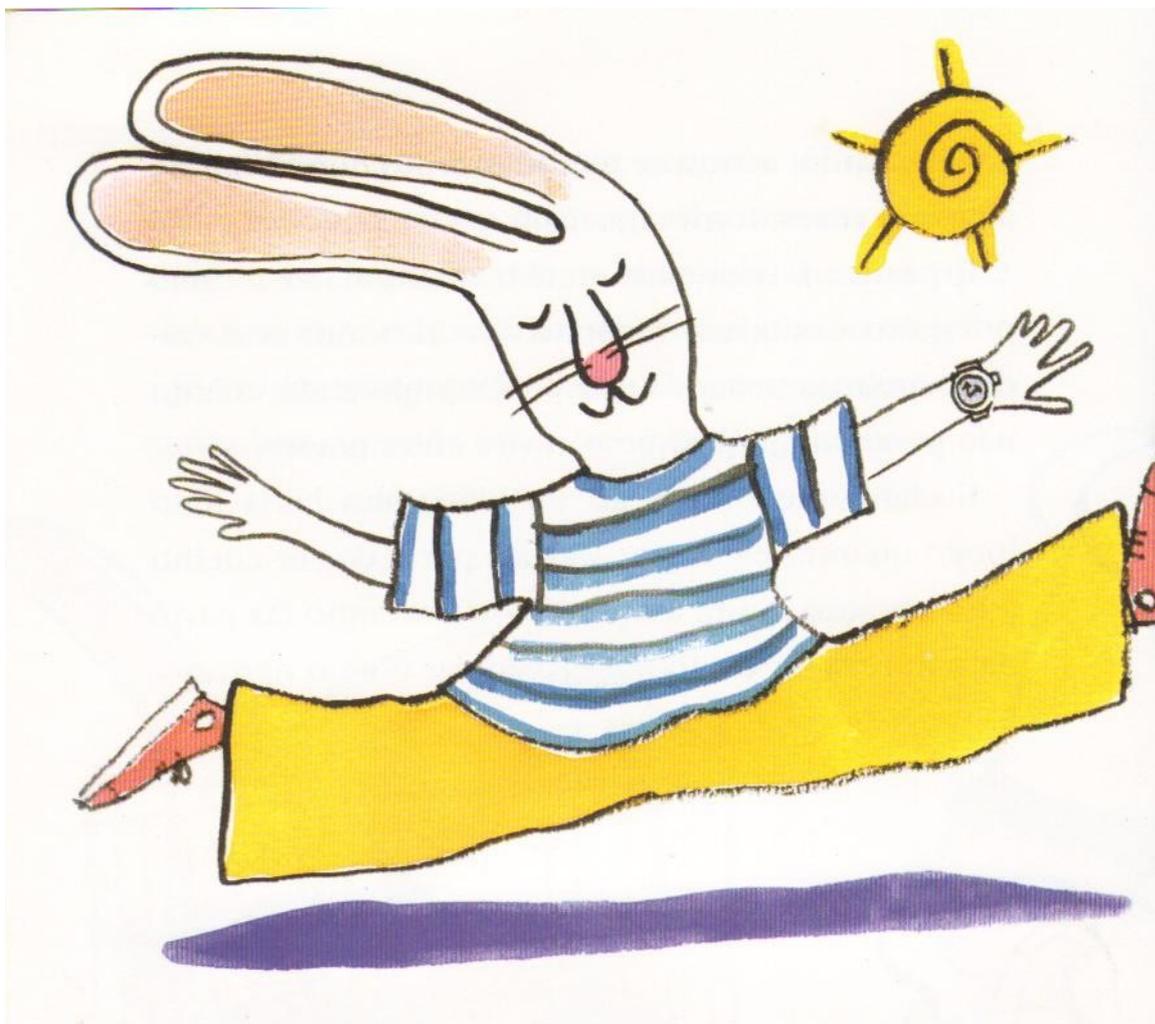
E as crianças também não sabiam. Porque, como eu lhe disse, o tampo era de ferro pesado. Pelas grades? Nunca! Lembre-se de que Joãozinho era um gordo e as grades eram apertadas.

Enquanto isso, as crianças, que não têm natureza boba, foram notando que o coelho branco só fugia quando não havia comida na casinhola. De modo que nunca mais se esqueceram de encher o prato dele.

E a vida, para aquele coelho branco, passou a ser muito boa. Comida era o que não lhe faltava.

Mas, Paulo, acontece que Joãozinho, tendo fugido algumas vezes, tomou gosto. E passou a fugir sem motivo nenhum: só mesmo por gosto. Comida, até sobrava. Mas ele sentia uma saudade muito grande de fugir. Você compreende, criança não precisa fugir porque não vive entre grades.

É claro que o coração de Joãozinho batia feito louco quando ele fugia. Mas faz parte de ser coelho ter o coração muito assustado. Assim como faz parte da natureza do coelho farejar idéias com o nariz.



Pouco a pouco a vida de Joãozinho passou a ser a seguinte: comer bem e fugir, e sempre de coração batendo. Um programa ótimo. Ele fugia, as crianças o agarravam, ele tinha comida, ele era muito feliz. Era tão feliz que às vezes seu nariz se mexia tão depressa como se ele estivesse cheirando o mundo inteiro.

Por falar nisso, quero lembrar a você que o mundo cheira muito mais para um coelho do que para nós. Nariz de coelho vale mais para ele do que nariz de gente vale para a gente.

Você não reparou que nariz de coelho parece estar sempre recebendo e mandando telegramas urgentes? É porque ele compreende as coisas com o nariz. Isso não quer dizer que a natureza do coelho seja melhor do que a nossa. Cada natureza tem suas vantagens.

Vou te dizer como é que o mundo é feito. É assim: quando se tem natureza de coelho, a melhor coisa do mundo é ser coelho, mas quando se tem natureza de gente não se quer outra vida.



Você acha, Paulo, que os donos de Joãozinho zangavam com ele? Zangavam, sim. Mas zangavam como pai e mãe

zangam com os filhos: zangavam sem parar de gostar. Aquele coelho, então, nem se precisava ser parente para gostar dele. Vou te dizer: Joãozinho tinha cara de bobão e era lindo. Dava até vontade de apertar ele um pouco. Não demais, porque Joãozinho ficava logo espantado. Coelho é como passarinho: se assusta com carinho forte demais, fica sem saber se é por amor ou por raiva. A gente tem que ir devagar para ele ir se acostumando, até que ele ganha confiança.

Que é que você acha que Joãozinho fazia quando fugia?

Às vezes penso que fugia para ver a namorada dele. A namorada era uma coelha muito da enjoada e muito da caprichosa, que vivia dizendo para Joãozinho:

— Se você não vier me ver, eu te esqueço.

Era mentira, porque ela adorava o coelho dela, mas com esse truque a coelha ia arrumando a vida dela. Não era por maldade que ela dizia isso para Joãozinho, mas natureza de coelha é assim. E o modo de coelha gostar é um modo sabido. Aliás quase toda natureza de namorada se parece um pouco.



Acho também que Joãozinho fugia porque cada vez ele tinha mais filhinhos e gostava de ir fazer carinho nos filhinhos. Os filhinhos eram todos gordos, pequenos e bobos, e todos eles tinham natureza de coelho. Olhe, Paulinho, se para as pessoas é bom gostar de coelho, imagine então como deve ser ótimo gostar de coelho quando se é pai ou mãe dele. Aí nem se fala.

Às vezes também Joãozinho fugia só para ficar olhando as coisas, já que ninguém levava ele para passear.

Nessa hora é que virava mesmo um coelho pensante. Foi olhando as coisas que seu nariz adivinhou, por exemplo, que a Terra era redonda.

Só há dois modos de descobrir que a Terra é redonda: ou estudando em livros, ou sendo feliz. Coelho feliz sabe um bocado de coisas.

Outra coisa que o nariz dele descobriu é que as nuvens se mexem devagar e às vezes formam coelhões no céu. Nas suas fugidas também descobriu que há coisas que é bom cheirar mas que não são de se comer. E foi aí que ele descobriu que gostar é quase tão bom como comer.

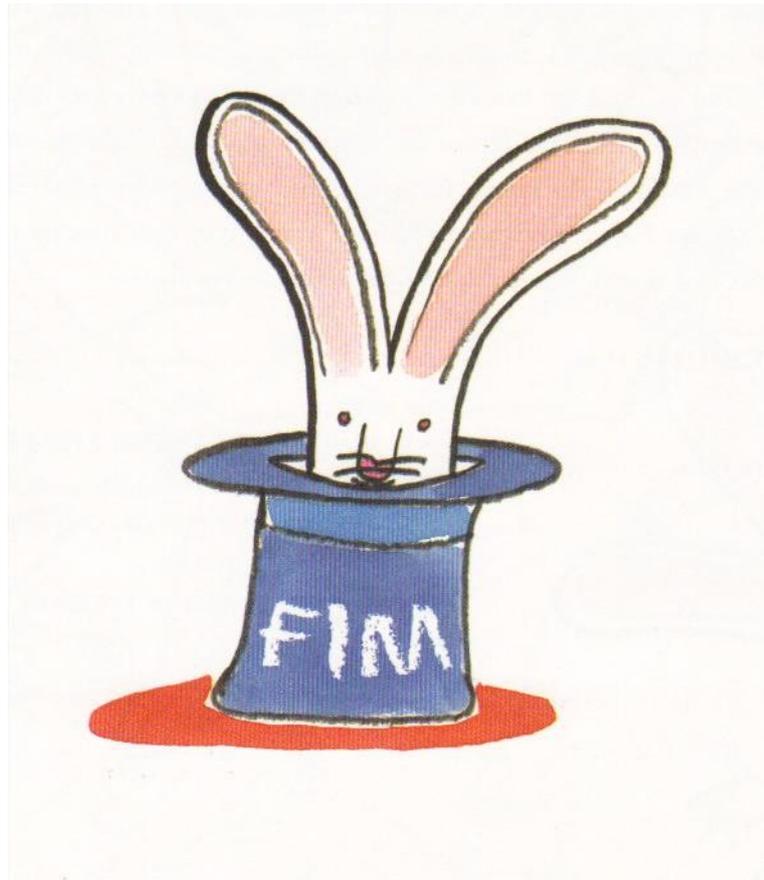
Bem, Paulo — mas eu continuo a lhe perguntar o seguinte: como é que o coelho branco saía de dentro das grades?

Paulinho, essa é uma verdadeira história de mistério. É uma história tão misteriosa que até hoje não encontrei uma só criança que me desse uma resposta boa. É verdade que nem eu, que estou contando a história, conheço a resposta. O que posso lhe garantir é que não estou mentindo: Joãozinho fugia mesmo.

Você me pediu para eu descobrir o mistério da fuga do coelho. Tenho tentado descobrir do seguinte modo: fico franzindo meu nariz bem depressa. Só para ver se consigo pensar o que um coelho pensa quando franze o nariz.

Mas você sabe muito bem o que tem acontecido. Quando franzo o nariz, em vez de ter uma idéia, fico é com uma vontade doida de comer cenoura. E isso, é claro, não explica de que modo Joãozinho farejou um jeito de fugir das grades.

Se você quiser adivinhar o mistério, Paulinho, experimente você mesmo franzir o nariz para ver se dá certo. É capaz de você descobrir a solução, porque menino e menina entendem mais de coelho do que pai e mãe. Quando você descobrir, você me conta. Eu é que não vou mais franzir meu nariz, porque já estou cansada, meu bem, de só comer cenoura.



Clarice Lispector

QUASE DE VERDADE



QUASE DE VERDADE

Clarice Lispector

QUASE DE VERDADE

Ilustrações
Mariana Massarani

ROCCO
JOVENS LEITORES



<http://groups.google.com/group/digitalsource>



Era uma vez... Era uma vez: eu!

Mas aposto que você não sabe quem eu sou. Prepare-se para uma surpresa que você nem adivinha.

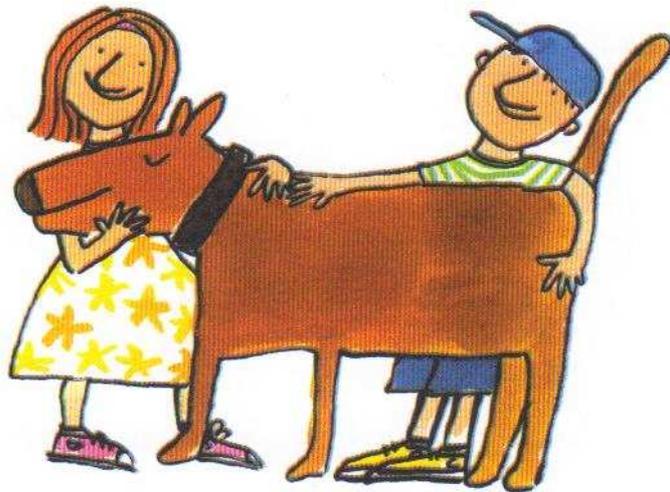
Sabe quem eu sou? Sou um cachorro chamado Ulisses e minha dona é Clarice. Eu fico latindo para Clarice e ela — que entende o significado de meus latidos — escreve o que eu lhe conto. Por exemplo,

eu fiz uma viagem para o quintal de outra casa e contei a Clarice uma história bem latida: daqui a pouco você vai saber dela: é o resultado de uma observação minha sobre essa casa.

Antes de tudo quero me apresentar melhor. Dizem que sou muito bonito e sabido. Bonito, parece que sou. Tenho um pêlo castanho cor de guaraná. Mas sobretudo tenho olhos que todos admiram: são dourados. Minha dona não quis cortar meu rabo porque acha que cortar seria contra a natureza.

Dizem assim: "Ulisses tem olhar de gente". Gosto muito de me deitar de costas para coçarem minha barriga. Mas sabido sou apenas na hora de latir palavras.

Sou um pouco malcriado, não obedeco sempre, gosto de fazer o que eu quero, faço xixi na sala de Clarice.



Fora disso, sou um cachorro quase normal. Ah, esqueci de dizer que sou um cachorro mágico: adivinho tudo pelo cheiro. Isto se chama ter faro. No quintal onde estive hospedado cheirei tudo: figueira, galo, galinha etc.

Se você chamar: "Ulisses, vem cá" — eu vou correndo e latindo para o seu lado porque gosto muito de criança e só mordo quando me batem. Pois não é que vou latir uma história que até parece de mentira e até parece de verdade? Só é verdade no mundo de quem gosta de inventar, como você e eu. O que vou contar também parece coisa de gente, embora se passe no reino em que bichos falam. Falam à moda deles, é claro.

Mas antes de começar, pergunto a você bem baixo para só você ouvir:

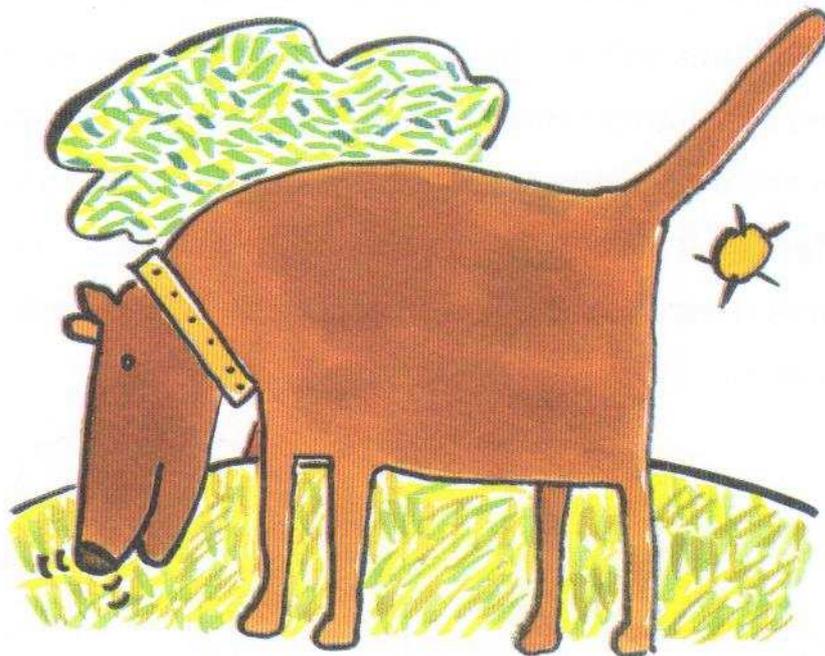
— Está ouvindo agora mesmo um passarinho cantando? Se não está, faz-de-conta que está. É um passarinho que parece de ouro, tem bico vermelho-vivo e está muito feliz da vida. Para ajudar você a inventar a sua pequena cantiga, vou lhe dizer como ele canta. Canta assim: **pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim**. Esse é um pássaro de alegria. Quando eu contar a minha história vou interrompê-la às vezes quando ouvir o passarinho.

E a história?



Bem, ela se inicia no enorme quintal de uma senhora chamada Oniria.

Oniria é meio mágica também, mas só quando entra na cozinha. Imaginem que, com ovo, farinha de trigo, manteiga e chocolate, ela consegue fazer explodir um bolo que é gostoso até para rei e rainha. Pergunto a você: quem é a pessoa mágica na cozinha de sua casa?



Nesse quintal que visitei e cheirei, o que havia? Havia uma árvore enorme chamada figueira — e galos e galinhas.

Tudo corria em paz naquela zona: a chuva alimentava a bela figueira, o Sol lhe dava vida. Oniria fazia bolos, sem contar que, além do milho que os galos e galinhas comiam, o terreno era cheio de minhocas, sobretudo depois que chovia, oh terra boa.

Oniria gostava muito da grande figueira e das aves. Tinha até um livro que ensinava como fazer para as galinhas botarem ovo forte: era dando água, em vez de fria e pouca, morninha e muita.

Quanto à figueira, Oniria punha de vez em quando nas suas raízes terra adubada de onde ela tirava comida com vitamina.

Entre os galos e as galinhas existiam duas aves muito importantes porque eram inteligentes, bondosas e protegiam os seus amigos. Eram como o rei e rainha do galinheiro. O galo se chamava Ovidio. O 'O' vinha do ovo, o 'vidio' era por conta dele. A galinha se chamava Odissea. O 'O' era por causa do ovo e o 'dissea' vinha por conta dela.



Aliás o mesmo acontecia com Oniria: o 'O' do ovo e o 'niria' porque assim queria ela. Casada com o seu Onofre. Bem, você já sabe que o 'O' de Onofre era em homenagem ao ovo — você

adivinhou certo: o 'nofre' era malandragem dele. E patati e patatá. Au-au-au!

Assim corria a vida. Mansa, mansa.

Os homens homenzavam, as mulheres mulherizavam, os meninos e meninas meninizavam, os ventos ventavam, a chuva chuvava, as galinhas galinhavam, os galos galavam, a figueira figueirava, os ovos ovavam. E assim por diante.

A essa altura, você deve estar reclamando e perguntando: cadê a história?

Paciência, a história vai historijar. E é para agora mesmo. Começa assim: Era um dia de domingo, sem nenhum programa, sem nenhum divertimento, era um dia de nada. Quer dizer, nada acontecia. Tudo igual. O Sol cantando. De pura tagarelice as galinhas cacarejavam. Mas a calma não durou muito. E a culpa foi da figueira que não se sabe por que nunca dera figos.

(Pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim)

Não é que lá para meio-dia a figueira, por não ter o que fazer, se esforçou para pensar. O esforço era tão grande que até caíram no chão algumas de suas folhas. E ela enfim teve um pensamento.

O pensamento era o seguinte:

A vida do galo e da galinha é uma verdadeira festa. Ovidio cocorica, as galinhas põem ovos. Mas e eu? eu, que nem figo dou?

E patati e patatá.

O pensamento da figueira apodreceu e virou inveja. Apodreceu ainda mais e virou vingança. A figueira, que não dava frutas e não cantava, resolveu enriquecer à custa dos outros. Queria se aproveitar dos filhos de Ovidio, Odissea e outras aves. Se ao menos cantasse ela perdoaria.

Mas assim não. (Au. au, au!)

De pensamento em pensamento, todos cheios de raiva, a figueira chegou a uma infeliz solução: ia fazer uma coisa que você não adivinha.

Sabe o quê? *Essa danada de figueira entrou em contato com uma nuvem preta que era bruxa. E pediu:*

— Bruxa, bruxinha, faça com que os ovos sejam meus, mesmo que não cocorique como Ovidio! Quero vender esses ovos e ganhar muito dinheiro!

Foi assim que falou e nos seus olhos havia um brilhareco de sem-vergonhice.

A bruxa má se chamava Oxelia. O 'O' etc. etc., você já sabe. Ela, uma vez consultada, nem precisou pensar muito: era tão ruim que era nuvem que nem chover chovia. E vou contar mais: ela quis fazer favor à figueira porque queria que essa, no fim, levasse a pior. Desculpe, mas ainda não conto agora qual foi o fim. Aguarde.

Quer saber o resultado da conversa da figueira com Oxelia? Foi o seguinte: de noite as folhas da figueira ficavam acesas como se o Sol batesse nelas.

E as galinhas, pensando que era de dia, punham ovos.

A figueira também tinha pedido a Oxelia para que as galinhas botassem ovos no chão, junto das raízes.

O que aconteceu? Aconteceu que as galinhas

ficaram assustadas porque nunca mais dormiam e botavam ovo sem parar, o tempo todo.

Quanto a Ovidio, ele se estrepou: como pensava que era de dia, ficava rouco de tanto cocoricar.

(Pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim)

Enquanto isso, a figueira juntava ovos que não era vida e tudo para vender e virar milionária. E nada pagava às galinhas, nem com milho, nem com minhoca, nem com água. Era só aquela escravidão.

Odissea, vendo as coisas mal paradas, cacarejou para Ovidio:

— Estamos exaustas, preciso ter uma conversa séria com você.

No que ela disse, pôs cansada um ovo.

(Au, au, au. Estou latindo com muita raiva e Clarice está até assustada.)

Ovidio, assim como Odissea, era um galo que pensava muito. Conversaram no fundo do quintal, e patati e patatá, e patati e patatá. Passaram dois dias se entendendo com palavras de aves.

Resultado?

O resultado foi esperteza daquelas.

Não havia dúvida: eles iam contra a figueira

ditadora, iam exigir os seus direitos, pôr ovos para eles mesmos, reclamar comida, água, dormida e descanso.

Você está pensando com certeza que Oniria não tomava providências. Resposta: ela e o Onofre tinham viajado e não sabiam que desgraça estava acontecendo no galinheiro.

Tinham deixado um empregado tomar conta de tudo, mas esse empregado, de nome Oquequê (o 'O' de ovo, e assim por diante), esse empregado era preguiçoso e só fazia comer, dormir e namorar, sem tomar conta de nada.

Devo dizer que de dia a figueira não passava de uma figueira comum, para não dar na vista de quem a observasse.

Quando todos dormiam é que ela se acendia toda em luzes, conforme Oxelia combinara. Odissea e Ovidio resolveram uma coisa que você vai saber agora mesmo.

Eles cochicharam a resolução para as outras aves num patati e patatá.

E quando chegou a noite perigosa e a figueira embruxou-se em brilharescos de luz — bem, as galinhas todas, lideradas pelo presidente e

presidenta delas, quer dizer, por Ovidio e Odissea, fizeram um esforço de vôo e empoleiraram-se subindo nos galhos da figueira. E de lá de cima botavam ovos.

Você acha que isso é bobagem delas?

Pois, au, au, au, é engano seu, O que é que acontecia? Acontecia que os ovos caíam no chão, quebrando-se eles todos, e era casca para um lado, gemarada para outro, claras por aí mesmo, tudo apodrecendo na terra. É uma pena sacrificar tanto ovo? É, mas às vezes a gente precisa fazer um sacrifício.

A figueira ficou horrorizada com o desperdício.

Era um prejuízo danado. E nem ao menos ela gostava de omelete. E toca os ovos a caírem. Cada ovo que caía, fazia no chão o seguinte barulho: pló-quititi, pló-quititi, pló-quititi.

Ao mesmo tempo, Ovidio começou a cocoricar:

— Queremos a liberdade de cantar só de dia!

As galinhas cacarejaram ao mesmo tempo:

— Queremos só pôr ovo só quando decidirmos e queremos os ovos para nós! São os nossos filhos!

A barulheira deixava a figueira meio surda. Bem que ela quis consultar a bruxa sobre o que deveria

fazer. Mas Oxelia estava ocupada com outro serviço, serviço que era de maldade também.

A figueira estava meio endoidecida e implorou auxílio especial, como consulta de médico (só que médico é bom) e a feiticeira Oxelia, cada vez mais preta, concordou em dar resposta.

Como eu, cachorro Ulisses, disse no começo, acontece que Oxelia tinha uma maldade tão grande que queria mal também à figueira, até então sua companheira de ruindade. E ela disse:

— Considere-se feliz! pois eu poderia castigar você mandando fazer uma noite de tempestade e fazendo com que um raio caísse em cima de sua copa e partisse em dois o seu orgulhoso tronco!



As galinhas e os galos estavam livres, enfim! E foram dormir, pois estavam precisando depois de tantas noites de insônia.

A figueira ficou boba: ela não sabia até então que não se deve ser amigo dos ruins.

Então, muito humilhada, viu se apagarem as suas luzes.

De madrugada, Ovidio cantou tão lindo como nunca havia cantado. E as galinhas se espreguiçaram felizes.

Todos estavam tão contentes que Ovidio e Odissea resolveram organizar uma festa. E, para agradar as aves, compraram mil pirulitos.

Acontece, porém, que elas não sabiam que pirulito é para ser chupado ou lambido e começaram a mordê-los: crack, crack, crack com os dentes. O que aconteceu? aconteceu que os dentes se quebraram todos. É por isso que as aves não têm dentes. Pelo menos é isso que eu penso, au, au, au.
(Pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim)

Foi quando Oniria e Onofre voltaram da viagem. E encontraram muita alegria entre os galináceos e gostaram de vê-los. Mas observaram que eles não tinham mais dentes. Então Oniria disse para Onofre:

— Vamos deixar que eles visitem outras terras porque pode ser que encontrem uma comida nova que não precisa ser mastigada!

Dito e feito. E daí a pouco deixaram Ovidio e Odissea levar a turma toda para passear.

Era uma beleza o campo: uma relva verdinha e fresquinha onde as aves esfregavam os bicos. Uma delícia.

Mas a fome veio. E cadê o que comer? Pois bem. Ovidio e Odissea se lembraram de uma bruxa muito da boa chamada Oxalá — o O' do ovo, 'xalá' por vaidade. Ela era mágica e atendeu ao pedido. Guiou-os pela mata afora e mostrou-lhes um pé de jabuticaba.

Você sabe o que é jabuticaba?

É uma fruta redonda e preta que só existe no Brasil.

Ovidio e Odissea ficaram contentes porque sabiam que Oxalá sempre cumpria o que prometia. Então pediram mais.

— Oxalazinha, vê se dá um jeito para fazer com que a nuvem preta, a Oxelia, deixe de ser ruim!

Oxalá sorriu e disse:

— Pois bem: ela não vai ser mais perigosa e

daqui a umas horas ela vai chover. E chover em cima da figueira. Mas agora quero lhes dizer uma coisa: a jabuticaba é fruta de se comer, mesmo que não se tenham dentes.

Meio com medo, as aves pegaram com o bico as jabuticabas. E com o bico mesmo estalaram essas frutinhas. O barulho era assim: plique-ti, plique-ti, plique-ti .

Acharam a jabuticaba uma maravilha. Embora tivesse no fundo um azedozinho. Como você sabe, a jabuticaba tem um caroço que é doce e depois de chupado um pouco azedo.

Elas crescem na jabuticabeira, tanto nos galhos quanto no tronco, enchendo-a de mil jabuticabas. Estas, quando estão bem maduras e redondas, caem no chão. A gente pisa nelas e o barulho é assim:

plóqui-ti-ti, plóqui-ti-ti, plóqui-ti-ti.

Os galos e as galinhas se deliciaram ao pisar nelas: o barulho era gostoso, dava um arrepio bom. Mas ainda não tinham descoberto que a fruta era de se comer.

Enquanto isso, Odissea disse a Ovidio:
— já que estamos livres e felizes, vamos

perdoar a figueira que está tão triste? Acho que ela se arrependeu.

Vamos pedir a Oxalá que cuide dela?

— Falou e disse, respondeu Ovidio.

Olharam para o céu e viram Oxalá.

Ela estava linda no céu azul-claro: branca e dourada e brilhosa pelo Sol que batia nela. Ouviu o pedido de perdão e disse:

— Está bem, vou perdoar a figueira. E mais ainda: vou fazer com que ela tenha filhos, quer dizer. figos.

Mas aconteceu uma coisa: as aves ficaram com o caroço das jabuticabas na boca e não sabiam o que fazer.

Perguntaram então a Odissea e a Ovidio:

— Devemos engolir ou não engolir o caroço?

Ovidio e Odissea ficaram bobos: não sabiam o que responder. Pensaram em pedir ajuda a Oxalá mas acharam que já tinham pedido muito e que tinham de se arranjar sozinhos.

(Piririm-pim-pim, piririm-pim-pim, piririm-pim-pim)

Eu, que sou cachorro, não sei o que responder às aves.

— Engole-se ou não se engole o caroço?

Você, criança, pergunte isso à gente grande.
Enquanto isso, eu digo:

—Au, au, au!

E Clarice entende que eu quero dizer:
— Até logo, criança! Engole-se ou não se engole o
caroço?

Eis a questão.





CLARICE LISPECTOR

nasceu em 1920, em Tchetchelnik, uma pequena cidade da Ucrânia. Veio para o Brasil quando ainda era um bebê, com seus pais e suas irmãs. Viveu muitos anos no Recife. Desde pequena gostava de escrever e inventar histórias. Quando começou a trabalhar como jornalista, publicou seus primeiros contos. Então, nunca mais parou de escrever. Fazia livros para crianças e adultos. Casou-se no Rio de Janeiro e teve dois filhos. Viveu alguns anos em outros países: em Nápoles, na Itália; em Berna, na Suíça; em Torquay, na Inglaterra. Ao todo, Clarice Lispector escreveu vinte e seis livros. Eles fizeram tanto sucesso, que muitos foram até traduzidos em outras línguas.

Da autora:

- O MISTÉRIO DO COELHO PENSAnte
- A VIDA ÍNTIMA DE LAURA
- A MULHER QUE MATOU OS PEIXES
- QUASE DE VERDADE
- COMO NASCERAM AS ESTRELAS

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure:

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>